



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS - DCET
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

MÔNICA RODRIGUES MORAES DE SOUZA

DE ALUNA A FUTURA PROFESSORA DE MATEMÁTICA DA EJA: OS
MOVIMENTOS DO NARRAR

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2022

MÔNICA RODRIGUES MORAES DE SOUZA

**DE ALUNA A FUTURA PROFESSORA DE MATEMÁTICA DA EJA: OS
MOVIMENTOS DO NARRAR**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/Campus de Vitória da Conquista - BA, para obtenção do título de Licenciado em Matemática

Orientador: Prof. Me. Gerson dos Santos Farias

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2022

MÔNICA RODRIGUES MORAES DE SOUZA

**DE ALUNA A FUTURA PROFESSORA DE MATEMÁTICA DA EJA: OS
MOVIMENTOS DO NARRAR**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Matemática. Aprovada em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Gerson dos Santos Farias (UESB/UFMS)
Orientador

Profa. Ma. Lilian Oliveira Daniel (Faculdade Insted/UFMS)
(Membro da Banca)

Prof. Dr. Jonson Ney Dias da Silva (UESB)
(Membro da Banca)

Vitória da Conquista, ____ de _____ de 2022.

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, tudo por Ele e para Ele são todas as coisas. Ao meu esposo Airton Junior, aos meus pais, Iris Moraes e Elenilza Oliveira e ao meu irmão Filipe Oliveira. Vocês são a minha fortaleza, onde eu encontro forças todos os dias para continuar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, força maior, criador do céu e da terra. Do amor, da vida e da sabedoria, inteligência e todas as bênçãos que têm concedido a minha vida. Posso ganhar o mundo inteiro, ter tudo o que eu quiser, mas sem tua presença, Deus, eu não consigo nem ficar de pé. Te adoro JESUS!

Agradeço ao meu esposo, Airton Junior, minha vida, meu amor, ao homem mais incrível e parceiro que poderia ter. Te agradeço, por cuidar tão bem de mim e dos nossos sonhos, por lutar todos os dias por nós. Sem você não conseguiria chegar até aqui e ter realizado mais um sonho nosso, um sonho sonhado e construído junto. Minha maior conquista é ter você ao meu lado.

Agradeço aos meus pais, Iris e Elenilza pelo eterno amor: “Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR teu Deus te dá” Êxodo 20:12. É por vocês que sempre lutei e sempre vou lutar. Obrigada por tudo, em especial por amarem a Deus acima de tudo, por ter me ensinado desde criança o *caminho* em que *devo* andar. Obrigada mainha por me amar tanto, obrigado painho por ser tão presente em minha vida. Obrigada por acreditarem em mim, muitas vezes mais do que eu mesma.

Agradeço ao meu irmão Filipe Oliveira, o melhor irmão do mundo, meu presente de Deus. Foram tantas cartas feitas para Deus pedindo um irmão, que ele me deu filho. Você é como um filho para mim e foi por você que me tornei a mulher que sou hoje. Obrigada por todo apoio que você me dá e por acreditar tanto em mim. Obrigada por ter cuidado do nosso trabalho com tanta maestria e responsabilidade.

Minha família, amo vocês mais do que eu poderia explicar e do que vocês poderiam imaginar.

Agradeço aos meus sogros Claudemira e Ailton por todo carinho, preocupação e por estar sempre presente, em todos os momentos da minha vida. Estendo esse agradecimento as minhas cunhadas, Carla Tamires, Elaine e Maria Eduarda. Aos meus cunhados Everton e Manoel. Obrigada por todo apoio, todos de alguma forma foram importantes nessa caminhada.

Agradeço aos *Meus avós paternos Maria de Lourdes e Joaquim (em memória) foram grandes guerreiros. Aos meus avós maternos, Janira e Manoel que são exemplos de força, resiliência e determinação. Minhas preciosidades!*

Agradeço a minha amiga Graziely que sempre esteve comigo nessa caminhada, por todo seu apoio, incentivo e carinho. O amigo ama em todos os momentos; é um irmão na adversidade (Provérbios 17, 17). Amo você amiga linda. Da UESB para vida! Estendo esse agradecimento a minha prima e amiga Milâne, por todas as orações e por torcer tanto por mim. Te amo prima!

Agradeço ao meu pastor Luiz e a sua esposa Telma, por toda oração e cuidado. Estendo esse agradecemos a todos os meus irmãos em cristo. O meu muito obrigada. Oração move montanhas.

Agradeço ao meu orientador Prof. Me. Gerson dos Santos Farias (UESB/UFMS), que sorri com os olhos, que me guiou com maestria, sabedoria, honestidade e simplicidade, que fez com que eu despertasse a paixão pelas narrativas. Agradeço todas as orientações, inclusive aquelas na rua e no ônibus, através de áudios, sempre disposto, atencioso e cuidadoso, que fizeram toda diferença para a minha formação. Obrigada pela paciência, pela delicadeza das suas palavras, e conselhos. Obrigada por sempre dizer que está tudo bem, mesmo não estando, por sempre dizer, estou com você, estamos juntos. Da UESB para vida!

Agradeço aos membros da banca, Profa. Ma. Lilian Oliveira Daniel (Faculdade Insted/UFMS) e prof. Dr. Jonson Ney Dias da Silva (UESB) Por me conceder a honra de tê-los em minha defesa. Obrigada pelo interesse e disponibilidade. Sou grata.

Agradeço a todos os professores, em especial o professor Dr. Jonson Ney Dias da Silva, que no início da minha graduação foi responsável, por me fazer pertencente a universidade. Como aluna da EJA, me identifiquei com sua sensibilidade e dedicação para com a Educação de Jovens e Adultos, Gratidão!

Agradeço ao coordenador do curso Prof. Me. Altemar Brito Lima (UESB), por toda sua dedicação e simplicidade. Obrigada por sua disponibilidade, sempre disposto a nos ajudar e orientar.

Agradeço a toda minha família e todas as pessoas que torcem pelo meu sucesso e que me prestaram apoio nos momentos mais difíceis... E a todos os meus amigos e clientes que apoiam a minha caminhada e de alguma forma me incentivam a trilhar esse caminho.

Finalizo agradecendo a participação e disponibilidade dos entrevistados, pois seus relatos de vivencias na Educação de Jovens e Adultos, foram fundamentais para construção desse trabalho. Obrigada pela disponibilidade. Grata!

*Consagre ao Senhor
tudo o que você faz,
e os seus planos serão bem-sucedidos.
Provérbios 16:3*

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica, que tem como foco o atendimento a sujeitos que tiveram seu direito negado, seja por condições socioeconômicas, fragilidades dos sistemas de ensino dentre outras. A negação deste direito acarreta a produção de sentimentos de vergonha e silenciamento e, isso, está ligado a perpetuação de uma história única. Para este trabalho, como aluna e futura professora da EJA, trago reflexões que buscam tensionar estes processos de exclusão. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo compreender as possíveis dificuldades encontradas na trajetória de alunos que concluíram seus estudos na EJA, com vistas para as especificidades do ensino de matemática. Como fundamentação teórica, tecemos diálogos com autoras e autores que tematizam os aspectos históricos da EJA, para além disso, fizemos um passeio por documentos, decretos e leis que regulamentam, estruturam e organizam a modalidade. Para os nossos procedimentos metodológicos, assumimos uma abordagem narrativa, operando, especificamente, com as narrativas de vida, onde produzimos os dados com uma aluna e aluno, ambos egressos da EJA, por intermédio da técnica das entrevistas. Já para a análise dos dados optamos por construir um movimento de análise de narrativas, não focado em categorias, mas sim no indizível, nas subjetividades, nos sentidos e em tudo aquilo que nos cortou no processo. Os movimentos de análise demonstram a complexidade para com o tratamento da temática, pois estamos lidando com vidas. As narrativas nos dizem também do mundo do trabalho, dos preconceitos, dos traumas, dos processos de ensino e aprendizagem, da alfabetização, da exclusão, das relações que ocorrem no processo, dos discursos perpetuados dentre tantas outras coisas. O fato é que o trato das dificuldades dos alunos da EJA, no que tange ao ensino de matemática, extrapola a sala as paredes de sala de aula.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos; Dificuldades no ensino de matemática; Narrativas de vida.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Decretos de 1854, 1878 e 1879	19
Quadro 2 - Dados das Entrevistas.....	39
Quadro 3 - Fases da Entrevista Narrativa	40

LISTA DE SIGLAS

DCET	Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. A EJA E A SUA TRAJETÓRIA DE SOBREVIVÊNCIA: DESAFIOS E DIFICULDADES NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA	16
1.1 Aspectos históricos sobre a Educação de Jovens e Adultos: Uma breve discussão	17
1.2 O ensino de matemática na EJA: Um olhar para as dificuldades de alunos e professores	26
2. O NARRAR COMO MOVIMENTO INVESTIGATIVO NA PESQUISA COM JOVENS E ADULTOS	32
2.1 As potencialidades narrativas em Educação (Matemática)	32
2.2 Definição do perfil e seleção dos entrevistados	35
2.3 Processo de produção dos dados	39
2.4 Processo de análise dos dados	43
3. ANÁLISES DE NARRATIVAS: POR ENTRE VOZES, EXPERIÊNCIAS, DIFICULDADES E REFLEXÕES	45
3.1 Um encontro do Fábio	45
3.2 Um encontro com Nilza	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS - Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	87
APÊNDICE - Roteiro das Entrevista	93

INTRODUÇÃO

Início este trabalho com a liberdade de retomar a minha trajetória pessoal e profissional, até aqui. Por isso, escrevo-o em primeira pessoa.

Durante meu período escolar, tive a impressão de que o noturno, tinha um ensino diferenciado dos outros turnos, por ser composto, em grande parte, de alunas e alunos que já iniciaram sua vida no mundo do trabalho. Então, por conta disso, nunca foi do meu interesse estudar a noite, pois, até então, eu era uma adolescente muito estudiosa e que já almejava cursar o ensino superior um dia.

Os tempos mudaram e aos 12 anos de idade comecei a trabalhar, com uma carga horária de 4h, isso me possibilitava conciliar com os estudos durante o dia. Mesmo com pouca idade, já estava caminhando para a segunda oportunidade de trabalho, já com 14 anos, onde tive a necessidade de fazer um curso de informática para me qualificar. Nessa época trabalhava em uma papelaria que prestava alguns serviços locais, logo tive a demanda de aprender a utilizar o computador para fazer pesquisas escolares, impressões, xerox, recarga de celular e, para executar tudo isso, era necessário saber um pouco de informática. Porém, minha família não tinha condições de arcar com as despesas desse curso, mas com a persistência da minha mãe consegui me matricular.

Sempre me dediquei muito ao trabalho, tive a oportunidade de fazer um estágio com três meses de curso de informática, consegui o estágio e, conseqüentemente, uma bolsa, assim não era mais necessário que minha família arcasse com as mensalidades, com isso pude dar continuidade ao meu curso.

No mesmo curso tive a chance de trabalhar durante o horário comercial, aos 14 anos, por isso tive a precisão de estudar a noite. No noturno foi muito difícil o processo de adaptação, era como se fosse outro mundo, mas, como essa mudança foi durante o ano letivo, não consegui concluir os estudos nesse período.

Passei por vários processos nessa caminhada de adaptação, com a turma, escola, professores, com a distância e, também, dificuldades encontradas na ida e na volta de casa para a escola. Foi então que mudei de emprego, voltei a estudar pela manhã, agora trabalhando mais de 8h por dia, por esse motivo e por mudanças de turno de trabalho, mais uma vez, não consegui dar continuidade aos meus estudos.

Continuei tentando conciliar, estudo e trabalho durante três anos e, nesse período, não consegui concluir o ensino médio. Como não tinha escolha de “apenas estudar”, precisei conciliar com o trabalho e isso dificultou os meus estudos na época. Após esse período continuei trabalhando e, infelizmente, fui me distanciando da escola.

Por intermédio de uma cliente do meu trabalho, conheci a Educação de Jovens e Adultos (EJA), isso com 18 anos, em uma curta conversa sobre estudos, demonstrei para ela o meu interesse de um dia chegar no ensino superior, como ela trabalhava na secretaria de um colégio, logo me falou sobre a possibilidade de estudar na EJA, então de imediato tive interesse e através dela consegui me matricular.

Tive que tomar algumas decisões, pedi demissão, consegui um emprego com horário fixo durante o dia, para poder estudar a noite e permanecer nesse emprego sem mudanças de horário, no mínimo por dois anos.

Minha mãe que também não havia concluído seus estudos, voltou para escola na 5ª série, no intuito de me dar “forças”, indo e voltando comigo da escola, com isso também tive a oportunidade de concluir o ensino médio, por meio da EJA. Saíamos dos nossos trabalhos direto para o colégio, mesmo muito cansada eu não faltava, porque minha mãe estava ali comigo e por mim, fico pensando que ela fez isso de propósito, porque assim eu não iria desistir, ela, por muitas vezes, foi também sem aguentar, mas sem dúvidas foi a melhor decisão das nossas vidas.

Assim começou mais uma fase de adaptação. No primeiro momento, consegui perceber que os meus colegas passavam por dificuldades iguais as minhas e, até maiores para estarem ali, pela manhã, no trabalho, eu era a única cansada, devendo atividades escolares e atrasada, já a noite eu era mais uma aluna como meus colegas, enfrentando todas as dificuldades de quem trabalha e estuda.

Nunca desisti de cursar um ensino superior, e sendo aluna da EJA, comecei a enxergar a licenciatura, como um sonho a ser alcançado. Tudo começou com a admiração pelos professores e também observei que eu tinha prazer em ajudar meus colegas, foi então que decidi tentar o vestibular para licenciatura.

A matemática entrou na minha vida muito antes disso, pois era uma matéria em que eu me destacava na sala de aula. Decidi prestar vestibular ainda cursando o último ano da EJA. Estudava a noite, trabalhava durante o dia e no final de semana me dedicava aos estudos,

o qual me possibilitou conseguir a aprovação no curso de licenciatura em matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Entrando no curso, percebi que não tinha visto praticamente “nada” dos conteúdos que precisava como base, foi um susto, um outro mundo, tive muita dificuldade também com a didática de alguns professores da graduação em sala de aula.

Os obstáculos de conteúdos somados com as demais dificuldades encontradas, fizeram com que a graduação ficasse ainda mais difícil. No segundo semestre através de um professor de uma disciplina, tive a oportunidade de realizar um trabalho de modelagem em uma sala da EJA e foi muito impactante, primeiro por ter sido uma aluna dessa modalidade de ensino e segundo porque minha mãe era uma das alunas dessa turma, concluindo seu ensino médio.

Então, quero concluir este trabalho de pesquisa com a certeza de que independente da modalidade de ensino, somos capazes e temos possibilidades de dar continuidade aos estudos, para além da conclusão do ensino médio.

Sinto-me motivada a entrar, futuramente, na sala da EJA e poder dizer como professora para meus alunos, que eles são capazes, quero poder influenciá-los a seguirem com seus estudos. Enquanto aluna da EJA, tive pouca influência por parte dos professores e da escola, diferentemente do 3º ano do ensino médio, que foram motivados pela escola durante todo ano letivo, esse fato me marcou.

Ainda como aluna conseguia enxergar em mim e nos meus colegas a capacidade de dar continuidade aos estudos, sendo um curso técnico e/ou superior. Nesse mesmo período, também pude presenciar muitos alunos com dificuldade em matemática, chegando a abandonar os estudos por causa de disciplinas do curso de graduação. Então, podemos dizer que existe a necessidade do educador mostrar para os alunos que a matemática não é tão complicada, e trazer a matemática do dia-a-dia para sala de aula, motivando os alunos a terem outra perspectiva e visão da matemática.

Sabemos que a matemática não se limita a sala de aula, mas faz parte da vida de todo ser humano, dentro e fora do contexto escolar. Infelizmente, muitos alunos da EJA veem a matemática como uma matéria difícil e, até mesmo, como a grande vilã, enxergam-na como um obstáculo maior do que realmente possa ser, muitos chegam a abandonar a sala de aula por esse motivo.

Sendo a matemática um possível obstáculo para o aluno, que pode levá-lo a desistência, com isso, pude perceber e entender, ao longo da minha trajetória, o quanto a motivação de um professor de matemática é importante. O quanto essa influência pode gerar um impacto, diretamente, na sociedade como um todo.

Dessa forma, o presente estudo visa compreender as possíveis dificuldades encontradas na trajetória de alunos que concluíram seus estudos na EJA, com vistas para as especificidades do ensino de matemática.

Para isso será realizada uma pesquisa com uma aluna e um aluno que concluíram seus estudos na EJA. Trazendo uma reflexão acerca da Educação de Jovens e Adultos, para além da conclusão do ensino médio, com intuito de conhecer as realidades, as subjetividades e as particularidades de cada trajetória.

Este trabalho visa contribuir para o campo de pesquisa da Educação, em especial a Educação Matemática como campo científico e profissional, por meio da produção de discussões e reflexões com a EJA e, futuros estudos, relacionados a formação do professor que ensina matemática nessa modalidade. Será também uma contribuição para a formação inicial de professores de matemática, para que possam visualizar e ressignificar suas práticas e metodologias em sala de aula e, até mesmo, incentivar os alunos a seguirem seus estudos. Por fim, irá contribuir para minha formação, como educadora e pesquisadora em formação, trazendo novos significados sobre a minha prática como futura docente da EJA.

No primeiro capítulo, abordaremos, de maneira sucinta, os aspectos históricos da trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, de acordo com os autores Haddad e Di Pierro (2000); Brandão (2017) e Keller e Becker (2020). Para além disso, pretende-se percorrer alguns pontos da Constituição da República Federativa do Brasil (1988) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), como documentos oficiais que tematizam a educação brasileira. Na última seção, será abordado a questão do ensino de matemática na EJA, com um olhar para as dificuldades de alunos e professores, com base, principalmente, nos autores, Duarte (2009); Fonseca (2016) e Freire (2017).

Dando continuidade, no segundo capítulo, traremos nossos procedimentos metodológicos, optando por uma pesquisa qualitativa, onde será utilizado como forma de produção de dados a entrevista, com base e inspiração da entrevista narrativa, técnica

desenvolvida por Fritz Schütze (2013). Já para a análise dos dados, pretendemos compor um movimento de análise de narrativas.

No terceiro e último capítulo iremos analisar as entrevistas completas, ou seja, não serão utilizadas categorias. Tomamos¹ essa decisão, pois as entrevistas têm muito a nos dizer, estando para além das dificuldades em matemática. Produziremos um movimento de análises de narrativas com base nos autores Galvão (2005) e Muylaert et al. (2014).

Por fim, serão apresentadas as considerações finais, revisitando os objetivos da pesquisa, os principais resultados de análise e, além disso, possíveis reflexões acerca de todo o processo desenvolvido.

¹ No decorrer da pesquisa será adotado a primeira pessoa do plural, por se tratar de uma investigação coletiva, que se constrói a partir da colaboração conjunta entre orientanda e orientador. Haverá momentos em que irei retornar a primeira pessoa do singular, para demarcar aspectos que dialogam com o meu lugar de fala.

1. A EJA E SUA TRAJETÓRIA DE SOBREVIVÊNCIA: DESAFIOS E DIFICULDADES NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Falar sobre Educação de Jovens e Adultos no Brasil é falar sobre algo pouco conhecido. Além do mais, quando conhecido, sabe-se mais sobre suas mazelas do que sobre suas virtudes (FONSECA, 2016, p. 10).

A busca do sentido no (e para o) ensinar-e-aprender-Matemática- na-Educação-escolar, não será, por certo, uma preocupação circunscrita à Educação Matemática de Jovens e Adultos, mas nela assume uma dimensão dramática. Lidamos aqui com estudantes para quem a Educação Escolar é uma opção *adulta*, mas é também uma luta pessoal, muitas vezes penosa, quase sempre árdua, que carece, por isso, justificar-se a cada dificuldade, a cada dúvida, a cada esforço, a cada conquista (FONSECA, 2016, p. 77).

Neste capítulo, abordamos de maneira sucinta os aspectos da trajetória da EJA e as discussões sobre o ensino de matemática na modalidade.

Na primeira seção falamos sobre a proposta da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, que se deu início a mais de 450 anos atrás. Citamos a Constituição que previu a primeira instrução gratuita a todos os cidadãos. Trouxemos decretos que tiveram relação direta com a educação de adultos do ano de 1854, 1878 e 1879. Fizemos uma reflexão sobre o analfabetismo que ainda é persistente no dia de hoje no Brasil, ressaltamos a importância de Paulo Freire na época com a proposta inovadora de alfabetização, onde lamentamos a não continuidade do mesmo depois do golpe militar do ano de 1964. Depois de várias reformas em 1996, a Educação de Jovens e Adultos se tornou uma modalidade de ensino que está fundamentada a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), na Lei 3 nº 9394/96, sendo destinada aos alunos jovens e adultos. Por fim, finalizamos com discussões importantes acerca da exclusão social e cultural que se encadeia para o preconceito, a desvalorização e a marginalização da modalidade em debate.

Na segunda seção falamos sobre as dificuldades do aluno da EJA na Educação Matemática, suas limitações e anseios. Abordando alguns dos desafios encontrados, tanto pelo educando, quanto pelo educador nesse processo de ensino e aprendizagem. Ressaltamos à importância do professor levar em consideração os conhecimentos adquiridos durante a constituição das trajetórias de vida dos alunos, fora da escola, para um melhor desenvolvimento em sala de aula, relacionando os conteúdos com cotidiano dos mesmos.

Enfatizamos, também, a importância da influência dos professores em sala de aula para a permanência desses alunos ou, até mesmo, para a continuidade aos seus estudos, não restringindo a educação a conclusão do ensino médio.

1.1 Aspectos históricos sobre a Educação de Jovens e Adultos: Uma breve discussão

De acordo com Keller e Becker (2020, p. 3) “A proposta de uma educação para jovens e adultos no Brasil se iniciou junto com a história do país, no período colonial, em 1549, com a chegada dos jesuítas em Salvador, onde edificaram a primeira escola elementar”. Em 1759 os jesuítas foram expulsos e o sistema educacional ficou na responsabilidade do governo. Haddad e Di Pierro descrevem o contexto brasileiro, apontando que (2000, p. 109): “Com a desorganização do sistema de ensino produzido pela expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, somente no Império voltaremos a encontrar informações sobre ações educativas no campo da educação de adultos”.

Anos mais tarde, a Constituição de 1824, pioneira no âmbito brasileiro, previu a primeira instrução gratuita a todos os cidadãos, portanto, e por ampliação legal, para jovens e adultos (KELLER; BECKER, 2020). Em 1834, passou-se a responsabilidade para as províncias, para que se responsabilizassem da educação de todos. Porém, mesmo com a lei estabelecida, vale destacar o não cumprimento por conta de dificuldades financeiras da província. Como relatam Haddad e Di Pierro,

Essa distância entre o proclamado e o realizado foi agravada por outros fatores. Em primeiro lugar, porque, no período do Império, só possuía cidadania uma pequena parcela da população pertencente à elite econômica à qual se admitia administrar a educação primária como direito, do qual ficavam excluídos negros, indígenas e grande parte das mulheres. Em segundo, porque o Ato Adicional de 1834, ao delegar a responsabilidade por essa educação básica às Províncias, reservou ao governo imperial os direitos sobre a educação das elites, praticamente delegando à instância administrativa com menores recursos o papel de educar a maioria mais carente (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 109).

No Quadro 1, abaixo, trago alguns decretos que foram importantes e fizeram parte da trajetória da educação para adultos dos anos de 1854, 1878 e 1879.

Quadro 1: Decretos de 1854, 1878 e 1879

DECRETO Nº 1.331-A, DE 17 DE FEVEREIRO DE 1854	<p>➤ Art. 71 Quando uma escola do segundo grau tiver dois professores, serão estes obrigados alternadamente, por mês ou por ano, a ensinar as matérias da instrução primaria duas vezes por semana, nas horas que lhes ficarem livres, ainda que seja em domingos e dias santos, aos adultos que para esse fim se lhes apresentarem.</p>
DECRETO Nº 7.031-A, DE 6 DE SETEMBRO DE 1878	<p>➤ Art. 1º Em cada uma das escolas públicas de instrução primaria do 1º grau do município da Côrte, para o sexo masculino, é criado um curso noturno de ensino elementar para adultos, compreendendo as mesmas matérias que são leccionadas naquelas escolas.</p> <p>➤ Art. 5º Nos cursos noturnos poderão matricular-se, em qualquer tempo, todas as pessoas do sexo masculino, livres ou libertos, maiores de 14 anos. As matriculas serão feitas pelos Professores dos cursos em vista de guias passadas pelos respectivos Delegados, os quais farão nelas as declarações da naturalidade, filiação, idade, profissão e residência dos matriculados.</p>
DECRETO Nº 7.247, DE 19 DE ABRIL DE 1879	<p>➤ Art. 2º, § 2º Os meninos que atingirem a idade de 14 anos, antes de haverem concluído o estudo das disciplinas mencionadas no princípio deste artigo, são obrigados a continuá-lo, sob as penas estabelecidas, nas paróquias onde houver escolas gratuitas para adultos</p>

Fonte: Adaptado pela autora com base em Brasil (1854, Art. 71); (1878, Art. 1º); (1879, Art. 2º, § 2º).

No Decreto nº 1.331-a, de 17 de fevereiro de 1854, no art. 71, embora podemos observar que existiu uma preocupação em alfabetizar adultos, vimos também que esse feito só era possível se houvesse disponibilidade.

De acordo com decreto nº 7.031-a, de 6 de setembro de 1878 no art. 1º e art. 5º, temos a criação do curso noturno com a finalidade de garantir mais uma vez a alfabetização, porém para homens maiores de 14 anos que eram saudáveis, livres e fortes.

Já no decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879 no Art. 2º, § 2º visualizamos uma preocupação maior com essa alfabetização, onde podemos acreditar em um avanço para época, pois os meninos aos 14 anos eram obrigados a continuar os estudos, até atingir a condição disciplinar obrigatória. Um decreto que tinha como finalidade reduzir o índice de analfabetismo, porém esse avanço não aconteceu, como mencionam e Haddad e Di Pierro 2000, p. 109 “[...] chegaríamos em 1890 com o sistema de ensino atendendo apenas 250 mil crianças, em uma população total estimada em 14 milhões. Ao final do Império, 82% da população com idade superior a cinco anos era analfabeta”.

No decorrer do século houveram muitas reformas, entretanto, de acordo com Friedrich, citado por Keller e Becker (2020, p. 7) “[...] para a escolarização de adultos, apenas na década de 1940 foram sentidas mudanças, com a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), em 1941, e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), em 1946 [...]” por conta da “[...] necessidade de formação profissional para a efetivação do desenvolvimento econômico do país, ou seja, a educação de adultos entendida como educação profissional básica” (KELLER; BECKER; 2020, p. 7). A partir dessas condições é possível observar a educação de adultos em articulação com a educação profissional, em outras palavras, com o mercado de trabalho. Dentro dessa perspectiva,

Os esforços empreendidos durante as décadas de 1940 e 1950 fizeram cair os índices de analfabetismo das pessoas acima de cinco anos de idade para 46,7% no ano de 1960. Os níveis de escolarização da população brasileira permaneciam, no entanto, em patamares reduzidos quando comparados à média dos países do primeiro mundo e mesmo de vários dos vizinhos latino-americanos (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 111).

Assim, vimos parte dos aspectos que demarcam o início da trajetória da EJA no Brasil, sendo possível perceber o analfabetismo, problemática histórica no âmbito da população brasileira. Desde anos atrás foi e continua sendo uma preocupação de cada época. Embora muitos cidadãos não tiveram a mesma oportunidade, principalmente a classe pobre, de acordo com pouco que vimos anteriormente.

O que nos chama atenção é que depois de anos ainda existem muitos cidadãos analfabetos, jovens e adultos que não tiveram acesso à educação em todo Brasil, ou, até mesmo, tiveram acesso em algum momento, mas não foi suficiente para sair do analfabetismo. De acordo a matéria intitulada “No Dia Mundial da Alfabetização, Índice de analfabetismo ainda preocupa”, para o site Eu estudante, com autoria de Millena Gomes, “O índice atual de analfabetismo no país é quatro vezes maior do que em 2018” (GOMES, 2022, p. 01). Ela ainda completa dizendo que “De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem 14.194.397 pessoas que não sabem ler, escrever ou realizar as operações básicas de matemática. Quatro anos atrás, eram cerca de 11 milhões” (GOMES, 2022, p. 01). É um problema que desde a sua origem está relacionado a fatores sócio-econômicos e fatores sócio-demográficos, tais como: gênero, raça e etnia.

Também é possível perceber esse sintoma social em pesquisas acadêmicas, sendo o alto índice de analfabetismo no Brasil, bem como os desdobramentos desse cenário. Como, por exemplo, a pesquisa de Dudeque (2021, p. 7) que teve como “[...] tema central o analfabetismo no Brasil, marcando a história da educação no século XXI, ano 2021. Traz como principal desafio às políticas educacionais o atendimento a 11,3 milhões de brasileiros analfabetos”, a partir do desenvolvimento de um estudo bibliográfico. Os resultados chamam a nossa atenção para a necessidade de articulação entre as políticas para a EJA, de forma “[...] intersetorial, considerando as diferentes áreas de vulnerabilidade que a população em destaque vivencia em suas regiões” (DUDEQUE, 2021, p. 7).

Frente ao exposto, vale ressaltar que Paulo Freire (BRANDÃO, 2017) criou uma proposta inovadora de alfabetização que foi colocada em prática na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, onde foram alfabetizados 300 trabalhadores em 45 dias. Esse método foi aplicado em todo território nacional com apoio do governo federal, entre 1963 e março de 1964, foram realizados cursos de formação de coordenadores na maior parte das capitais dos estados brasileiros.

[...] no estado da Guanabara se inscreveram mais de 6.000 pessoas; igualmente criaram-se cursos nos Estados do Rio Grande do Norte, São Paulo, Bahia, Sergipe e Rio Grande do Sul, que agrupavam vários milhares de pessoas. O plano de ação de 1964 previa a instalação de 20.000 círculo de cultura. Capazes de formar no mesmo ano, por volta de 2 milhões de alunos. Cada círculo educava, em dois meses, 30 alunos (BRANDÃO, 2017, p. 13).

Assim como relata Brandão (2017), não houve tempo para que se desse continuidade nesse trabalho de alfabetização, pois com o Golpe Militar, no ano de 1964, todo o trabalho organizado foi derribado. Talvez se não fosse o Golpe Militar de 1964 que abortou o movimento no país, estivéssemos hoje vivendo uma outra realidade social, com mais igualdade e dignidade.

Em 1996 a Educação de Jovens e Adultos se tornou uma modalidade de ensino, fundamentada a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), na Lei 3 nº 9394/96, sendo destinada aos alunos jovens e adultos (BRASIL, 1996, p. 01) “[...] àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. A principal tarefa da Educação de Jovens e Adultos é fazer valer o previsto no artigo 206 e 208, incisos I da Constituição Federal de 1988, que garante o acesso e a permanência ao ensino fundamental a todos. Tal política, vem sendo incentivada pelo poder público, que abrangeu, além do ensino fundamental, o ensino médio, adequando esta modalidade de ensino às características dos jovens e adultos brasileiros.

Essa modalidade de ensino proporciona para muitos jovens e adultos, uma grande oportunidade de continuidade aos seus estudos. Mas, infelizmente esses alunos, em sua maioria, fazem parte de uma parcela da sociedade que sofreram danos educacionais. Como aponta Fonseca (2016, p. 23)

Aqui vale uma outra identificação que também encerra uma negação: grupo ou grupos socioculturais aos quais pertencem os alunos da EJA constituem parcelas da sociedade que só muito recentemente passaram a ser consideradas como público da Educação Escolar (FONSECA, 2016, p. 23).

A EJA é uma modalidade que sofreu e sofre preconceito por uma parte da sociedade. Sobretudo a falta de estímulo e atenção do sistema público, um dos grandes responsáveis pelos fracassos causados aos jovens e adultos, que em sua maioria são os menos favorecidos e excluídos, estando propícios as fragilidades educacionais. Muitos acreditam que a EJA é para pessoas que não se interessaram em estudar e não porque não tiveram oportunidade. É preciso então desconstruir essa ideia, ainda enraizada no imaginário social. Fonseca (2016) se dirige aos alunos da EJA, não apenas como sujeitos que possuem a escolarização básica incompleta, mas também como aqueles que jamais iniciaram seus estudos, dessa forma ela afirma que:

[...] A interrupção ou o impedimento de sua trajetória escolar não lhe ocorre, porém, apenas como um episódio isolado de não acesso a um serviço, mas num contexto mais amplo de exclusão social e cultural, e que, em grande medida, condicionará também as possibilidades de reinclusão que se forjarão nessa nova (ou primeira) oportunidade de escolarização (FONSECA, 2016, p. 11).

A exclusão social e cultural é o ponto de partida, para que os direitos à educação sejam violados pelo sistema capitalista. Na verdade, a questão social é inerente as desigualdades, tanto ao acesso educacional quanto cultural, e a educação de jovens e adultos no Brasil é parte dessa parcela. De acordo com Fonseca (2016, p. 10) “A Educação de Adultos no Brasil se constituiu muito mais como produto da miséria social do que do desenvolvimento”. Infelizmente, ainda vivemos essa realidade, resultado de um sistema público regular de ensino cheio de danos.

Segundo Leão e Silva (2011, p. 37) “A trajetória da EJA no Brasil se caracteriza por uma luta constante para se manter como modalidade educacional que busca garantir o acesso a uma educação formal àqueles que tiveram esse direito negado na chamada ‘idade regular’”. Estamos vendo cada vez mais adultos e jovens preocupados com o retorno escolar, exercendo seu direito que um dia fora negado. Estão mais conscientes da importância dos estudos e não é apenas um diploma, mas também uma conquista pessoal para muitos, pois a educação é transformadora e tende a influenciar para uma perspectiva de vida melhor, trazendo esperança para grande parcela da população, que foram e são desacreditadas ainda nos dias de hoje.

Dentro dessa perspectiva de negação de direitos, Damasceno, Oliveira e Cardoso (2018, p. 2) afirmam que

A EJA é uma modalidade específica da Educação Básica que se destina a atender a um público ao qual foi negado o direito à educação por diversos motivos, seja pela oferta irregular de vagas, pelas condições socioeconômicas desfavoráveis ou pelas inadequações do sistema de ensino (DAMASCENO; OLIVEIRA; CARDOSO, 2018, p. 2).

A EJA tem um público bem definido de fato, pois também, de acordo com Pardim e Calado (2016, p. 22) “[...] este público tão específico, marcado por uma história de exclusão e de marginalização. Frutos de um sistema social que, por muitos anos, reservou para os menos afortunados financeiramente uma posição de servidão e fracassos [...]”. É hoje o mesmo público que luta para não ter mais esses sentimentos, pois a EJA é mais que um

projeto, é um resgate de sonhos, objetivos, igualdade e esperança. Uma vez que a igualdade a ser conquistada, como concluí Pardim e Calado (2016, p. 22) é obrigação do poder público ofertar “Uma educação que tem como princípio a função social reparadora e equalizadora”. É importante ter uma sociedade cada vez mais consciente dos seus direitos e deveres, dessa forma podemos lutar coletivamente.

E quando falamos da EJA, com esta pesquisa, estamos produzindo reflexões que contribuem para esse feito, pois com o avanço da modalidade conseguimos ter ainda mais cidadãos preparados e capacitados para contribuírem com uma população menos desigual. Para isso, precisamos falar da EJA, dizer que essa modalidade existe, lutar por seu território, demarcar os seus direitos e enfatizar sua importância e relevância social, mesmo que ainda seja tão marginalizada.

No Brasil, a denúncia de descaso para com a EJA aparece em estudos e pronunciamentos de vários educadores. Em 1938, Paschoal Lemme (2004, p. 65) já destacava que “mesmo entre as pessoas que têm certo trato com os problemas de educação e de ensino é comum verificar-se um completo desconhecimento da importância e da significação hoje emprestadas ao problema da educação de adultos”. Essa frase (dita há quase oitenta anos) pode ajudar a entender por que, todas as vezes que se fala em EJA, há tanta necessidade de dizer que ela existe e resiste há muito tempo na educação brasileira (COSTA; MACHADO, 2018, p. 66).

Realizar trabalhos e pesquisas sobre a EJA é uma maneira de divulgar essa modalidade de ensino e contribuir para discussões e diálogos que possam aprimorar o desenvolvimento dessa política pública. Para além disso, é a demarcação de um espaço de resistência. Reichardt e Silva afirmam que (2020, p. 2) “A modalidade da EJA não é apenas uma reposição de escolaridade; ela fomenta a construção de conhecimentos que transformam o mundo”. A Educação de Jovens e Adultos pode formar cidadãos capazes de exercer suas funções na sociedade e conquistar valores como liberdade e igualdade.

O movimento que amplia a definição do campo de necessidades para além das carências dos indivíduos, reportando-a às demandas das sociedades é, porém, o mesmo que incita à superação da concepção compensatória da Educação de Jovens e Adultos, segundo a qual sua finalidade se restringiria a possibilitar ao aluno a *recuperação do tempo perdido*. Com efeito as propostas atuais em EJA, ao menos no nível do discurso, concebem-na como uma modalidade específica, mas integrante, da Educação Básica (cf. Belo Horizonte, 2000) – o que demarca sua inscrição no campo do *direito* – reflexo de uma consciência, que vai ganhando corpo, de que a EJA é “tanto consequência do exercício da cidadania, como

condição para uma plena participação na sociedade [...]” (FONSECA, 2016, p. 46).

Os alunos da EJA, diferente dos estudantes do ensino regular, são alunos que em sua maioria, tiveram dificuldades de acesso escolar, no período regular, por vários motivos, sendo um dos maiores motivos a necessidade de abandonar os estudos para trabalhar (SOUZA; VAZQUEZ, 2015). No retorno, para o contexto escolar, depois de anos, os alunos trazem consigo diversas opiniões acerca dos conhecimentos adquiridos durante a vida, das dificuldades e decepções vividas. Não se pode e não é possível desconsiderar toda essa bagagem. Segundo Carmen Brunel e citado por Da Silva (2014, p. 5)

[...] os jovens, quando chegam nesta modalidade, em geral, estão desmotivados, desencantados com a escola regular, com histórico de repetência de um, dois, três anos ou mais. Muitos deles sentem-se perdidos no contexto atual, principalmente em relação ao emprego e à importância do estudo para sua vida e inserção no mercado de trabalho...Este novo panorama, pouco a pouco, foi modificando o ambiente escolar, ex professores, uma nova postura e um jeito novo de conviver com estes alunos, cada dia mais jovens.

A Educação de Jovens e Adultos se insere em um espaço complexo, um novo panorama, que requer um cuidado e capacitação de todos os atores sociais que fazem parte dessa modalidade educacional. Nessas condições, como exemplo, mencionamos o Projeto Político Pedagógico da EJA de Curitiba, de 2005, que nos orienta sobre a necessidade dos conhecimentos prévios dos alunos da EJA serem considerados em sala de aula, para que se tenha uma educação, baseada na realidade, e com isto, a efetivação de um processo de ensino e aprendizagem, de forma dinâmica e coerente. Os conhecimentos adquiridos pelos alunos e a realidade vivida por eles, têm que ser levada em consideração para que se tenha um melhor aproveitamento e desenvolvimento dos componentes curriculares em sala de aula. Dessa forma os agentes envolvidos proporcionarão de fato uma educação atrativa e de qualidade. Sobre isso trataremos na próxima seção, com vistas para a disciplina de matemática, bem como os possíveis enfrentamentos de alunos e professores da EJA.

1.2 O ensino de matemática na EJA: Um olhar para as dificuldades de alunos e professores

A matemática é um componente curricular importante na formação do cidadão, porém ela continua sendo uma das disciplinas consideradas pelos estudantes, como sendo uma das mais difíceis. Na Educação de Jovens e Adultos isso também pode acontecer, dessa forma o ensino de matemática na EJA, não deixa de ser um desafio para o professor e para os alunos.

A dificuldade e, até mesmo, o conhecimento dos alunos do ensino regular acerca desse componente curricular são um tanto diferentes na Educação de Jovens e Adultos. Os alunos que estão na sua fase regular, encontram dificuldades, porém eles ainda estão em formação, não apenas nos estudos, mas também na vida, já na EJA as dificuldades assumem outros contornos. De acordo com Duarte (2009, p. 17) “A aquisição do conhecimento matemático não se inicia, para o educado adulto, apenas quando ele ingressa num processo formal de ensino. Essa aquisição já vem se dando durante todo o decorrer de sua vida”, muito por conta das especificidades que fazem parte do seu cotidiano, do seu trabalho e da sua vida.

Os jovens e adultos que não puderam dar continuidade aos seus estudos no período regular, muitos pela carência de oportunidades e pelas dificuldades encontradas no caminho, continuam avançando com os conhecimentos advindos das experiências da vida, durante a constituição de suas trajetórias.

Mas, para além da dimensão utilitária, os sujeitos da EJA percebem, requerem e apreciam também sua dimensão formativa, numa perspectiva diferenciada daquela assumida pelas crianças ou no trabalho com elas. Os aspectos formativos na educação da infância têm, em boa medida, uma referência no futuro, naquilo que os alunos virão a ser, enfrentarão, conhecerão... Na educação de adultos, no entanto, os aspectos formativos da Matemática adquirem um caráter de atualidade, num resgate de um vi-a ser sujeito de conhecimento que precisa realiza-se no presente (FONSECA, 2016, p. 22).

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos, muitas das vezes chegam, já com a ideia formada de que eles não são bons em matemática e que a disciplina é difícil, um bicho de sete cabeças. Os alunos trazem consigo opiniões formadas a respeito dos conteúdos e já consideram que não terão habilidades para terem um bom desenvolvimento, por encontrar dificuldades já enraizadas em suas memórias, chegando a se considerarem totalmente leigos na disciplina, como apontado por Duarte (2009, p. 17),

A consciência do indivíduo torna-se, assim, marcada por uma ambiguidade, pois, de um lado, quando se depara com certas dificuldades, ele não hesita e as resolve utilizando-se daquele seu saber matemático e, de outro lado, como esse saber não é reconhecido enquanto conhecimento matemático pela sociedade, ele mesmo, assumido isso, embora inconscientemente, afirma que não conhece nada de matemática e que é um ignorante (DUAETE, 2009, p. 17).

O ensino de matemática na Educação de Jovens e Adultos é de muita importância para os alunos, pois lhe darão mais autonomia e habilidades para serem desenvolvidas no seu dia a dia. Tendo em vista que esses alunos já estão ou tem contato com o mercado de trabalho e, até mesmo, durante a procura do primeiro emprego. O que figura ser de grande auxílio para o seu desenvolvimento pessoal e profissional, por isso, a importância de ter professores capacitados e integrados com o projeto, fazendo a diferença no desenvolvimento do aluno.

Dessa forma, saber trabalhar com esse público específico, que são os alunos da EJA, trazendo a realidade e o cotidiano para aulas de matemática, faz com que os alunos tenham mais interesse e com isso se sintam mais motivados. Nessa direção, com base na Constituição da República Federativa do Brasil, Damasceno; Oliveira e Cardoso (2018, p. 115) pontuam que

[...] a EJA realizada nas instituições escolares caracteriza-se como uma proposta pedagógica flexível, com finalidades e funções específicas e tempo de duração definido, levando em consideração os conhecimentos da experiência de vida de jovens, adultos e idosos, ligada às vivências cotidianas individuais e coletivas, bem como ao mundo do trabalho.

Muitos alunos dessa modalidade, acabam desistindo no meio do caminho, as realidades vividas por esses alunos são cheias de obstáculos e dificuldades. Além dos desafios encontrados ao retornar para escola, essa desistência vem do fato de serem jovens, adultos e idosos que possuem responsabilidades, nas quais, no momento em questão ocupam um lugar de prioridade, como é caso da busca pela sobrevivência em sociedade, muitos trabalham, além de todo um contexto familiar e econômico.

Então ao se deparar em uma sala de aula, com outros possíveis desafios e dificuldades, logo, podem acabar considerando a desistência como uma alternativa ou, até mesmo, uma “escolha” decorrente do contexto que estão inseridos. Acerca disso, Oliveira (2005, p. 63) pontua que os “[...] altos índices de evasão e repetência nos programas de educação de jovens e adultos indicam falta de sintonia entre a escola e o aluno que dela se servem, embora não possamos desconsiderar os fatores de ordem socioeconômica [...]”.

Um outro possível desafio, que pode ser encontrado pelo aluno da EJA dentro de uma sala de aula, é a matemática, e isso pode ser pela complexidade que o aluno observa na disciplina e, até mesmo pela falta de capacitação dos professores para atuar nessa modalidade. Podemos também destacar a fragilidade na formação inicial de professores com relação ao ensino de matemática na EJA, por conta do pouco contato com a temática durante a graduação. Pois, o conhecimento acerca dessa modalidade é indispensável, bem como as características que a compõem, no que tange as políticas, currículos e estratégias de ensino e aprendizagem, com isso será possível produzir uma matemática que se adapte ao contexto do aluno. Todavia, é preciso destacar que estamos travando uma luta coletiva, pouco a pouco, dia a dia, e que, infelizmente, ainda enfrentamos uma série de desafios, principalmente, no que diz respeito a carência de políticas públicas para com a modalidade.

Muitos que desistem no meio do caminho, são alunos com sonhos e projetos de vida, e que se não desistissem, poderiam ter se tornar o que quiserem, tendo em comum o fato da educação como sendo uma possibilidade de transformação de realidade, de modo que compreendam o ser e estar no mundo, de maneira crítica e reflexiva, pois

Os sujeitos da EJA na contemporaneidade, já não são os mesmos do passado e com certeza serão diferentes no futuro próximo ou longínquo. No contexto atual, esse público já acredita que a partir dos estudos há uma grande possibilidade de mudança de vida em todos os sentidos, porém, cada dia presente nas salas de aula, é um desafio a ser superado, diante das diversas situações de batalha para se manter numa sociedade que segrega o direito a ter seus direitos (COSTA; AMORIM, 2021, p. 10).

Os sujeitos que operam com a matemática podem segregar ou incluir, essa é uma batalha que vem sendo disputada nas salas de aula. Questionar a matemática produzida, o seu papel em sociedade e os conhecimentos com os quais ela dialoga é uma tarefa de todos, sejam professores, alunos, coordenadores, diretores, comunidade escolar dentre tantos outros que compõem o cenário escolar.

Nesse emaranhado, o professor de matemática da EJA pode ser um grande influenciador, para que esses alunos permaneçam em sala de aula e com isso, poderemos ter cada vez mais alunos concluintes e ingressando no nível superior, realizando assim, os seus sonhos e conquistando seus objetivos, por meio da educação. Em direção a uma sociedade cada vez mais conscientizada dos seus direitos e deveres.

A educação escolar é fundamental para que a sociedade alcance mudanças sociais. Um país alfabetizado, instruído, é um país que reconhece seus deveres, mas

que luta pelos seus direitos, e os professores e todos os envolvidos com a educação devem ter presente este fim (PARDIM; CALADO, 2016, p. 103).

As prioridades dos alunos da EJA possuem outros sentidos e significados, o retorno ao ambiente escolar pode ser uma necessidade de expansão pessoal, de crescimento profissional ou ainda de acesso ao mercado de trabalho. E também de se sentirem bem e capazes em sociedade, por exemplo, no cumprimento de tarefas do dia a dia, como: ensinar um filho as atividades da escola, poder ler uma bula de remédio, cuidar da sua vida financeira, compreender trocos, juros e porcentagens dos produtos dentre tantas outras. O aluno adquire então autonomia e autoestima, isso faz com que a escola e a educação ocupem um espaço fundamental, tornando o professor um dos principais agentes desse processo educacional, pois

O educador da EJA deve propor um ensino que almeje resgatar a cidadania do indivíduo, bem como sua autoestima e o interesse de participar da sociedade, a partir da promoção de situações que desenvolvam o pensamento crítico e reflexivo, sem deixar de considerar os conhecimentos e habilidades de que esses sujeitos dispõem adquiridos de modo informal, em suas experiências acumuladas, cotidianamente, na comunidade onde vivem e nos espaços de trabalho (DA SILVA; QUEIROZ; MONTEIRO, 2014, p. 2).

Os jovens e adultos tem uma mentalidade madura e, até mesmo, mais próxima da prática laboral cotidiana. Basicamente, os alunos da EJA podem possuir familiaridades com assuntos que eles acreditam ser de utilidade em seu dia a dia, que serão utilizados no presente ou em um futuro bem próximo. Com isso, quando esse educando consegue relacionar os conteúdos em sala de aula com sua vivência diária, manifesta-se um maior interesse e, conseqüentemente, se tem uma desenvoltura melhor no seu aprendizado. Em uma pesquisa feita por Thees e Fantinato (2012, p. 10, grifos do autor), com professores que lecionam matemática na EJA, foi possível perceber que

Os objetivos curriculares mais valorizados pelos professores pesquisados foram identificados como sendo ajudar os alunos jovens e adultos no seu dia-a-dia e possibilitar a continuidade dos seus estudos. Nesse sentido, os professores se empenhavam em selecionar conteúdos com os quais os alunos tivessem identificação, ou seja, temas que ancorassem as vivências dos alunos e a experiência dos professores. Conforme foi dito pela professora Marina, “*para eles poderem se sentir não tão longe da realidade*”, pois “*não adianta você colocar um assunto que eles não vivenciam*”.

O que dialoga diretamente com nossas discussões produzidas até aqui. O educador matemático da EJA, pode com a sua didática, metodologia e prática de ensino, encontrar formas em que a matemática exerça uma influência positiva na vida dos alunos, sendo motivo de permanência na modalidade. Ainda de acordo com as autoras, os

[...] estudos considerados mostram que as práticas atuais dos professores são ainda predominantemente marcadas por um estilo de ensino expositivo, baseado na resolução de exercícios e que pouco recorre a materiais para além do quadro, giz e manual, prevalecendo uma comunicação unidirecional, uma preocupação somativa na avaliação, o estilo de trabalho individualista e a formação desligada das práticas letivas (THESS; FANTINATO, 2012, p. 281).

A necessidade do saber matemático do educando da EJA é além de uma sala de aula, não é simplesmente aprender matemática, é utilizar a matemática como instrumento de melhoria e qualidade de vida. Trazer uma metodologia que trabalhe com a realidade desses alunos, mostrando que os assuntos e conteúdos abordados já fazem parte do seu cotidiano, é de fundamental importância, para trazer o incentivo e a motivação que é necessária para fortalecer a permanência e o desenvolvimento desses alunos. Isso acontece quando o educador se coloca no lugar do educando, respeitando suas dificuldades e aprimorando seus conhecimentos matemáticos. Pois, corroboramos com Skovsmose (2007, p. 211) ao dizer que a

“Matemática” não precisa referir-se apenas à matemática avançada, ou à matemática aplicada, ou à matemática em pacotes que fazem parte do aparato da razão. A matemática também é representada em contextos cotidianos. [...] Podemos encontrar matemática em todo lugar. E podemos encontrar muitos tipos diferentes de matemática em todo lugar. Como podemos esperar que exista qualquer característica comum? A matemática é desenvolvida por muitos diferentes grupos de pessoas em circunstâncias muito diferentes. Ela se refere a uma pluralidade de atividades (SKOVSMOSE, 2007, p. 211).

E no recorte do ensino de matemática na EJA, é preciso que os professores de matemática que atuam na modalidade sejam incentivadores dos alunos, de modo a promover matemáticas que dialoguem com o contexto e realidade dos estudantes. Isso faz com que se desenvolvam efetivas possibilidades para um processo de ensino e aprendizagem saudável, criativo e transformador. A matemática, por ser uma disciplina com alto índice de reprovação, carece de professores comprometidos com as especificidades educacionais de jovens e adultos, o que se interliga ao compromisso social da profissão professor e com a formação para com a cidadania. Quando se demarca o ensino de matemática na EJA, essa

responsabilidade só aumenta, uma modalidade que exige capacitação e conhecimento aprimorado, pois o ensino de matemática pode ser um dos responsáveis por influenciar esses alunos a permanecer na escola ou não.

Frente a todo exposto, reiteramos as ideias de Paulo Freire, quando ele coloca que

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiências feitas” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda zombar do saber que ele traz consigo para escola (FREIRE, 2017, p. 62).

Todo conhecimento é válido e por isso como educadores, devemos nos preocupar em aprimorar e enriquecer o saber de cada aluno dentro da sala de aula. Na educação de jovens e adultos, com tantas experiências que esses educandos trazem consigo, não é possível e nem plausível que essas vivências e conhecimentos não sejam reconhecidos e respeitados. Vale ressaltar que o ensino da matemática é muito importante na formação do caráter sócio educacional do educando e não deve ser visto, meramente, como uma disciplina deslocada da realidade social, histórica e cultural, cheia de regras e técnicas, mas como instrumento para construir, problematizar e refletir sobre e com conhecimentos em sociedade. A seguir apresentaremos nossos encaminhamentos metodológicos.

2. O NARRAR COMO MOVIMENTO INVESTIGATIVO NA PESQUISA COM JOVENS E ADULTOS

Narramos hoje e narramos sempre. Narramos sobre um dia de trabalho, acontecimentos na família. Narramos sobre nós mesmos, o que nos é importante, pessoas com as quais lidamos. Esse falar de nós, de forma narrativa, que fazemos de maneira tão costumaz, possivelmente contribui para que sejam as narrativas a forma discursiva privilegiada para estudo da construção de sentidos da identidade (MOUTINHO; CONTI, 2016, p. 1).

Neste capítulo, apresentamos as decisões metodológicas que nos auxiliaram no processo de pesquisa sobre os percursos dos alunos e alunas que concluíram seus estudos na EJA.

Na primeira seção, falamos sobre a narrativa em educação (matemática)², a forma que abordamos, suas contribuições e a potencialidade das narrativas.

Na segunda seção, definimos o perfil dos possíveis entrevistados que contribuiriam com a nossa pesquisa, a partir do seguinte critério, terem concluído os estudos na modalidade da educação de jovens e adultos. Mencionando, como foram feitas as abordagens desde nossos primeiros contatos até o aceite do convite.

Já na terceira seção, apresentamos o processo de produção de dados, trazemos o roteiro com perguntas e temáticas disparadoras, em conjunto, inspiramo-nos nas entrevistas narrativas para a composição do movimento de produção dos dados. Além disso, evidenciamos também as especificidades desta técnica de pesquisa e apresentamos nossa composição.

Por fim, na última seção, destacamos os caminhos trilhados até a análise dos dados, onde optamos por uma análise narrativa.

2.1 As potencialidades narrativas em Educação (Matemática)

A Educação de Jovens e Adultos, tem como característica, a presença de alunos e alunas, que por algum motivo interromperam seus estudos e retornaram para sala de aula, no intuito de continuar e concluir as etapas da educação básica, chegam cheios de bagagens e

² Utilizamos a expressão “educação (matemática)” para demarcar o movimento das abordagens narrativas como modo de produzir pesquisa em educação, em diálogo com outras áreas do conhecimento, dentre elas a matemática.

experiências. Não existe um só motivo, que leva esses educandos a interpor seus estudos, ou, até mesmo, o fato de não ter tido acesso à educação, portanto são vários os caminhos tomados e possíveis dificuldades encontradas durante toda essa trajetória de vida.

De acordo com Ferreira (2017, p. 17) “Os alunos da EJA têm traços de vida, origens, idade, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagens e estruturas de pensamentos muito diferentes”, dessa forma, para esta pesquisa, optamos por utilizar a narrativa de vida como fonte de pesquisa. Essa foi uma estratégia fundamental no processo investigativo, para que possamos alcançar nosso objetivo de pesquisa, pois, na Educação de Jovens e Adultos, o que não falta são histórias, experiências e vivências para serem relatadas e compartilhadas.

A narrativa de vida pode constituir um instrumento importante de extração de saberes práticos, com a condição de orientar para a descrição das experiências vividas pessoalmente e dos contextos nos quais elas se inscrevem. Isso significa orientar as narrativas de vida através da forma que nós propusemos chamar de “narrativas de práticas” (BERTAUX, 2010, p. 29).

Lembro-me das aulas de matemática, ainda como aluna da EJA, como a matemática tinha uma relação direta no processo do desenvolvimento da turma. Essa realidade não mudou, pois durante o curso de licenciatura em matemática, no período de estágio, atuando como professora-estagiária na EJA, observei que a matemática continuava sendo uma disciplina que era vista com grandes desafios pelos educandos.

Conheço de perto um aluno que desistiu no último ano da EJA, por ter dificuldade em matemática, mesmo tendo um bom desempenho no seu dia a dia com a disciplina, para esse aluno a “matemática da sala de aula” é completamente diferente da “matemática da vida”, com isso, percebemos que relacionar a matemática com o cotidiano é fundamental para o desempenho do aluno em sala de aula.

Pude presenciar, várias vezes, alunos que contavam suas histórias no decorrer das aulas, através das suas experiências diárias. Isso acontecia com frequência, pois muitos compartilhavam o seu dia a dia, relacionando o conteúdo com seu cotidiano, assim, narravam sua própria história. Nesse sentido, com relação ao processo de narrar, Moura e Nacarato (2019, p. 8-9) contribuem dizendo que as “[...] narrativas são formas elementares de comunicação humana ou, [...], formas artesanais de comunicação. Por seu intermédio, as pessoas contam suas histórias, lembram-se de suas experiências, encontram possíveis explicações para elas”. Tendo em vista que todas aquelas narrativas produzidas, eram a forma

de compartilhar, dividir, adquirir saberes e experiências, com esse movimento, enxergamos uma potencialidade nas narrativas como fonte de pesquisa na educação (matemática), a partir dos desdobramentos de produção, de análise e de vida.

Como destacado na epígrafe,

Narramos hoje e narramos sempre. Narramos sobre um dia de trabalho, acontecimentos na família. Narramos sobre nós mesmos, o que nos é importante, pessoas com as quais lidamos. Esse falar de nós, de forma narrativa, que fazemos de maneira tão costumaz, possivelmente contribui para que sejam as narrativas a forma discursiva privilegiada para estudo da construção de sentidos da identidade (MOUTINHO; CONTI, 2016, p. 1).

Na Educação de Jovens e Adultos existe um cenário de subjetividades e particularidades que irei ressaltar neste momento, uma que, rotineiramente, me chamou atenção, foi o caso das turmas formadas por alunos de diversas ocupações profissionais, com o propósito de concluírem os estudos. Eles narravam suas histórias de vida, sejam os vendedores, que trabalhavam com desconto diariamente, contando sua experiência; dos mestres da obra que demonstravam com orgulho como calculavam a área do lugar que trabalhavam, para executar a medição do tamanho de determinadas superfícies; da dona de casa empreendedora que fazia geladinho para complementar a renda, entre tantas outras atividades que estavam ali presentes nos espaços de sala de aula, a partir das vozes dos sujeitos que habitavam a escola. Somos

Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas, esses jovens e adultos, que passam a serem vistos como alunos, configuram tipos humanos diversos. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já construídos, cada um com seus valores éticos e morais, porém, estão ali em busca de um mesmo sonho, com um só objetivo, que é terminar seus estudos e não perderem novamente a oportunidade que não tiveram no passado (FERREIRA, 2017, p. 12).

O compartilhar de histórias, experiências de vida e saberes que só a aula com assuntos e conteúdo não são capazes de produzir, pois “[...] contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012, p. 91). Podemos então analisar todos esses eventos, sendo uma forma com que os alunos encontravam de se familiarizar com o universo de uma educação humanizada.

A narrativa para pesquisa na educação (matemática) é valiosa, onde podemos ouvir as falas daqueles que não tiveram a oportunidade de contar suas experiências dentro do âmbito educacional, foram silenciados em seus lugares de fala. E o nosso lugar (meu e dos entrevistados) de fala³ se constituiu no fato de termos sido alunos da EJA. “A narrativa, portanto, pode suscitar nos ouvintes diversos estados emocionais, tem a característica de sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias [...]” (MUYLAERT et al., 2014, p. 2).

Portanto, narrar essa trajetória com riqueza de detalhes é uma possibilidade de transformar a educação, é poder trazer por meio das narrativas, questionamentos, esperança, motivação, percepção, melhoria, comunicação, indagação, curiosidade, empatia e realidade. Feita a explanação, a seguir, apresentamos o processo de definição e seleção dos sujeitos entrevistados.

2.2 Definição do perfil e seleção dos entrevistados

Ainda como aluna da EJA, sempre tive alguns questionamentos e indagações. Hoje como futura professora que deseja atuar nesta modalidade de ensino, com base nos movimentos da minha pesquisa, fomos compondo as possíveis possibilidades de entrevista. Vale destacar, que não tivemos um só caminho, pois com tantas indagações e investigações, foram traçadas várias possibilidades, até mesmo realizar essa pesquisa com professores da EJA. A ideia inicial, então, consistia em observar algumas aulas de matemática da EJA e dialogar com professores que atuam na modalidade, dessa forma, esperava-se compreender o papel do educador na formação dos educandos da EJA.

No decorrer da elaboração do projeto, ao final da disciplina de seminário de pesquisa I e na transição para seminário de pesquisa II, chegamos à conclusão de que faríamos uma produção de narrativas, a partir da entrevista com alunos da EJA, com o intuito de conhecer suas particularidades e subjetividades. Uma vez que, o trato com as dificuldades enfrentadas

³ Compreendemos lugar de fala com base no livro “O que é lugar de fala?” da intelectual e pesquisadora negra e feminista Djamila Ribeiro, que trata do conceito como sendo um lugar social de localização do poder, dentro de uma estrutura social. A autora afirma que: “[...] não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania” (RIBEIRO, 2019, p. 61). Vale demarcar também a importância de não confundirmos lugar de fala com representatividade, ou seja, todos podem falar a partir de seus lugares de fala.

pelos discentes da EJA perpassa por minha existência, sendo essa uma das motivações para o desenvolvimento desta pesquisa.

Inicialmente, pensamos em entrevistar dois ou três alunos que estão concluindo o ensino médio na EJA, chegamos até entrar em contato com a direção de um colégio, estávamos aguardando a autorização da professora de matemática, para que fosse possível participar de uma ou duas aulas, com isso, iríamos poder conhecer o perfil da turma, até chegarmos nos alunos que se dispusessem a participar da entrevista. Todavia, antes mesmo desse retorno, tivemos uma movimentação nos contornos da pesquisa e, por isso, agradecemos a direção do colégio pela disponibilidade ofertada e tensionamos o rumo e o contexto da pesquisa. No qual, optamos por dialogar com alunos e alunas que concluíram seus estudos na EJA, teríamos então uma produção de narrativas que perpassasse pelo cenário escolar dos sujeitos, o que não seria totalmente possível, com alunos que ainda estão concluindo, ou seja, para esta pesquisa escolhemos produzir uma história que fosse atravessada pelo antes, durante e depois da modalidade da EJA, em outras palavras, a trajetória pessoal e profissional. Com base nessa mudança de perfil, decidimos realizar duas entrevistas com alunos que concluíram o ensino médio na modalidade.

Considerando o perfil do entrevistado, elaboramos um roteiro com perguntas e temáticas disparadoras para fornecer subsídios para a produção dos dados. O perfil dos nossos entrevistados foi construído a partir de um único critério, terem concluído o ensino médio na modalidade EJA. E quando falamos na definição de critérios, nos baseamos na compreensão de Duarte (2002, p. 41), para a autora a definição de critérios é “[...] primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado”.

O primeiro desafio foi encontrar esses sujeitos que atendiam ao critério para serem entrevistados e que se dispusessem a participar deste trabalho de pesquisa. O contexto da EJA passa a ocupar um lugar de destaque, onde os personagens assumem as cenas, que acontecem nas salas de aula e extrapolam esses espaços, de modo que suas vozes ecoam memórias, lembranças, histórias e vivências. Uma vez que, “[...] Não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo” (GALVÃO, 2005, p. 4).

Conseguir contato com os possíveis entrevistados, não foi uma tarefa fácil no início, até porque, este é o perfil de pessoas que estão, majoritariamente, ocupadas no seu dia a dia. Conteí com ajuda da família na organização das primeiras aproximações. Tinha apenas o contato de uma pessoa, que sabia que atendia ao critério para ser um entrevistado. Para a primeira entrevistada fiz o contato pessoalmente e logo de imediato o convite foi aceito. Ao entrar em contato com o segundo entrevistado, de forma presencial, obtive também um retorno positivo.

Todos os convites foram feitos de maneira formal e padronizada, informando-os, o critério necessário para ser um possível entrevistado, os assuntos abordados e a importância desta entrevista para o meu trabalho e futuros estudos. Deixando-os cientes que seria necessário gravar toda a entrevista, para que, posteriormente, estivesse fazendo a transcrição dos dados produzidos. Informando-os também que seria indispensável a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por eles. Assim, com a autorização de todos os três entrevistados, passamos para fase de agendamento das entrevistas, todos optaram por entrevistas feitas presencialmente.

A seguir apresentamos o convite enviado e entregue pessoalmente aos partícipes da pesquisa.

Convite

Meu nome é Mônica Rodrigues, concluí meus estudos na EJA e hoje sou estudante do curso de Licenciatura em Matemática da UESB, estou produzindo a minha monografia, que é o meu trabalho de conclusão de curso.

Estou almejando realizar uma entrevista com pessoas que estudaram da EJA e que concluíram seus estudos dentro dessa modalidade.

O (A) Senhor (a) concluiu o ensino médio na EJA?

Se sim. Estou aqui para lhe fazer um convite muito importante e especial. Gostaria de ter a oportunidade de entrevistá-lo (a). O (A) Senhor (a) aceitaria me conceder uma entrevista?

A nossa entrevista vai tratar de assuntos relacionados as experiências que compõem a sua história de vida - antes, durante e depois - da EJA, como parte integrante de sua formação e educação. Teremos um roteiro de entrevista contendo algumas temáticas e perguntas que serão feitas para a produção de uma narrativa. Será um prazer poder contar com as suas experiências, que irão compor e recompor o meu trabalho de pesquisa.

O dia, hora e onde será realizada a entrevista, fica à sua disposição.

Esta entrevista será gravada através de um aplicativo de gravação chamado ASRPro⁴ e, posteriormente, transcreverei toda nossa conversa para a realização de uma análise narrativa.

Para isso é necessário que o (a) Senhor (a) autorize a gravação, caso o convite seja aceito.

Será necessário, também, que o (a) Senhor (a), assine um Termo autorizando a gravação da entrevista.

As entrevistas foram feitas no dia, horário e lugar escolhido pelos entrevistados. Por motivos de trabalho, dentre outras obrigações, uma foi agendada para o sábado e a outra para uma segunda-feira, no horário de almoço do entrevistado. Vale salientar também que a primeira entrevistada e o segundo entrevistado pediram que eu fosse até eles.

A seguir apresentamos o quadro 2 com as datas da realização das entrevistas, bem como, nome, data, local, horário e duração.

⁴ O aplicativo *ASRPro*. Última atualização foi em 18 abr. 2022, criador desconhecido. Tem como finalidade de gravar voz e som. Disponível na playstore pelo endereço: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.nll.asr>. Acesso em: 07 out. 2022.

Quadro 2: Dados das entrevistas

Nome	Data da Realização	Local da Entrevista	Horário de Início	Duração da Entrevista
Nilza	08/10/2022	Residência do entrevistado	22h	26min 52s
Fábio	10/10/2022	Residência do entrevistado	13h	16min 35s

Fonte: Dados da pesquisa.

Vale ressaltar que todos os entrevistados, escolheram ser chamados pelos nomes que estão representados no quadro 2. Assim, com todas entrevistas agendadas, começamos a elaborar o material para a produção de dados, como evidenciamos a seguir.

2.3 Processo de produção dos dados

Para o processo de produção de dados, utilizamos um roteiro com perguntas e temáticas disparadoras, nos inspiramos e optamos por conciliar com a entrevista narrativa, que é uma técnica de produção de dados desenvolvida por Fritz Schütze⁵. Pois, buscamos compreender as experiências dos entrevistados, através da sua história de vida. “As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional” (MUYLAERT et al., 2014, p. 2). O que dialoga, diretamente, com objeto da nossa pesquisa.

Buscamos nos inspirar na entrevista narrativa, pois ela rompe com o tradicional esquema de perguntas e respostas. Entrevistadora e entrevistados tem a oportunidade de entrelaçar suas experiências e produzir com elas, nessa perspectiva, segundo Ravagnoli (2018, p.2) “O papel do pesquisador é apresentar ao entrevistado uma questão gerativa não direcionada a respostas pontuais e que encoraje uma narração extemporânea, ou seja,

⁵ Fritz Schütze, nascido em 1944, é um dos mais importantes sociólogos da época pós-Segunda Guerra Mundial na Alemanha ele elaborou, junto com seu colega Gerhard Riemann, a análise de narrações como método de análise de entrevistas narrativas.

improvisada, não previamente elaborada”. Foi este movimento que tentamos produzir com as entrevistas, vale destacar que a realização de uma entrevista narrativa necessita de critérios e fases já estabelecidas, como podemos perceber com o quadro 3, com base em Jovchelovich e Bauer (2012), que definem as etapas de uma entrevista narrativa.

Quadro 3: Fases da Entrevista Narrativa

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo. Formulação de questões exmanentes.
Iniciação	Formulário do tópico inicial para narração. Emprego de auxílios visuais.
Narração Central	Não interromper. Somente encorajamento não verbal para continuar a narração. Esperar para os sinais de finalização (“coda”).
Fase de Perguntas	Somente “Que aconteceu então? ” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes. Não discutir sobre contradições. Não fazer perguntas tipo “por quê? ” Ir de perguntas exmanentes para imanentes.
Fala Conclusiva	Parar de gravar. São permitidas perguntas do tipo “por quê?” Fazer anotações imediatamente após as entrevistas.

Fonte: Jovchelovich e Bauer (2012, p. 97).

Observando as fases da entrevista narrativa, de acordo com Jovchelovich e Bauer, percebemos que existe um processo para desenvolvê-las, que tem que ser respeitado desde a preparação até a conclusão da entrevista. Embora, não foi possível trabalharmos somente com a entrevista narrativa como instrumento de investigação, por conta do tempo necessário para desenvolvê-la, seguindo todas suas características e apontamentos, pois estávamos com um período curto, para a estruturação e organização deste trabalho. Tê-la como inspiração, trouxe para minha formação como entrevistadora uma maior sensibilidade, atenção, cuidado e percepção, no processo de produção de dados, o que contribuí para as riquezas de detalhes do trabalho. A seguir apresentamos nosso roteiro de entrevista.

Roteiro de Entrevista

Trajetória dos Entrevistados

- *Nome, idade e como gostaria de ser chamado;*
- *Conte um pouco da sua história de vida;*
- *Quando e onde nasceu;*
- *Como foi sua infância, adolescência e fase adulta;*
- *Conte um pouco da sua família;*
- *Primeiro acesso ao ensino escolar;*
- *Primeiras experiências na escola;*
- *Dificuldades encontradas para esse início de estudo;*

Vida escolar na EJA

- *Para você, o que é a EJA? E como foi participar dessa modalidade?*
- *Por qual motivo você ingressou na EJA?*
- *Como foi retornar ao ambiente escolar;*
- *Desafios de ser aluno na EJA;*
- *Desafios de ser professor na EJA;*
- *Como era sua relação com os alunos e professores da EJA;*
- *Qual a importância da EJA na sua vida?*
- *Dentre as disciplinas que você cursou na EJA, qual a que você sentiu mais dificuldade?*
- *Conte um pouco das experiências com o ensino de Matemática na EJA;*
- *Durante os seus estudos na EJA, os conteúdos trabalhados em sala de aula tinham relação com o seu dia a dia?*
- *Ao concluir seus estudos na modalidade, os desejos criados por você nesse período foram alcançados?*
- *O que você fez após concluir os estudos na EJA?*

Nós entendemos que a entrevista é uma forma de registrar as histórias de vida, como prática de interação de: quem conta, quem pergunta e quem ouve. Dentro dessa perspectiva, Worcman e Costa (2015, p. 9) pontuam que “A história de vida é a narrativa construída a partir do que cada um guarda seletivamente em sua memória e corresponde ao como organizamos e traduzimos para a outra parte daquilo que vivemos e conhecemos”. Com esse entendimento, podemos dizer que a entrevista é uma prática de cumplicidade entre o entrevistado e o entrevistador.

A preparação das entrevistas é uma das etapas mais importantes da pesquisa. A conexão entre os envolvidos nesse processo é fundamental, para que se tenha um bom desempenho no decorrer do diálogo. O êxito nesse dinamismo, é muito importante durante a produção de dados.

Durante as entrevistas, pude me conectar com cada entrevistado, de maneira única. Deparei-me com histórias completamente diferentes, mas, ao mesmo tempo, que se conectavam entre si, principalmente, por conta das dificuldades vividas. Me senti privilegiada, pois fui aluna da EJA e, por esse feito pude ter ainda mais sensibilidade nesse processo. Ouvir todas as histórias, trouxe de volta as memórias da minha trajetória, fazendo com que estivesse atenta a cada detalhe durante essa produção de dados.

[...] contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012, p. 91).

Sabendo que cada sujeito tem suas experiências e que elas são únicas. O fato de me inspirar em uma entrevista narrativa, fez toda diferença e, de acordo com Moutinho e Conti (2016, p. 2) “Quando o interesse da investigação se faz sobre a subjetividade, a narrativa é tomada como o ‘lugar’ no qual onde as pessoas constroem sentidos, com uma dada audiência, em determinado tempo e espaço”. Dessa forma, os entrevistados tiveram a oportunidade de compartilhar suas histórias de vida, de maneira que puderam acessar sua caixa de lembranças, narrando memórias e fatos ocorridos, trazendo sentimentos à tona, a ponto de rir, chorar e, até mesmo, questionar e refletir com a experiência narrada.

Pude perceber que os desenvolvimentos das entrevistas se deram de acordo com as experiências de cada entrevistado, em aspectos e momentos diferentes, de forma que as suas lembranças, sentimentos e dificuldades, se interligavam no decorrer de todo o diálogo.

A transcrição das entrevistas foi um processo demorado, árduo e feito com muita atenção, pois é uma etapa muito importante, onde o resultado da análise tem ligação direta com a fidelidade nesse processo, ou seja, para uma análise narrativa coerente é necessária uma transcrição detalhada de toda entrevista e, que deve ser a mais autêntica possível e conter, também, as características para-linguísticas, desde o tom da voz e as pausas realizadas, que são importantes para a compreensão de todo o diálogo (RAVAGNOLI, 2018).

Mesmo sendo um processo extenso, foi possível reviver, por intermédio das transcrições todos os momentos das entrevistas, que foram de grande aprendizado, de modo a vivenciar, compartilhar experiências e relembrar histórias.

Na próxima seção, apresentaremos os caminhos trilhados até a análise dos dados.

2.4 Processo de análise dos dados

Faremos uma análise narrativa, que, possivelmente, pode extrapolar a temática deste estudo, pois estamos trabalhando com narrativas de vida. A análise narrativa que pretendemos construir será uma composição processual, uma construção coletiva, um ecoar de vozes, a partir das experiências que fazem parte do processo de construção desta pesquisa. Para isso, traremos, de forma completa, as transcrições das entrevistas, evidenciando nossas perspectivas com base nos fatos narrados, pelos entrevistados, como personagens fundamentais no desenvolvimento e desenrolar da história. De acordo com Muylaert et al. (2014, p. 2) “A narrativa, portanto, pode suscitar nos ouvintes diversos estados emocionais, tem a característica de sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias [...]”. Assim, levaremos em consideração as características de cada entrevistado para o processo de investigação dos dados, como menciona Galvão (2005, p. 3)

Sob o termo de investigação narrativa incluem-se várias perspectivas, desde a análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias e memórias populares, até acontecimentos singulares, integrados num determinado contexto (GALVÃO, 2005, p. 3).

No processo de construção e análise da narrativa, temos no mínimo cinco níveis de representação, citado por Riessman (1993) e mencionado por Galvão (2005, p. 6), “[...] da experiência vivida: dar sentido, contar, transcrever, analisar e ler”. Dentre outras interpretações que possam surgir durante o desenvolvimento da pesquisa, pois estamos dialogando com sujeitos que possuem histórias de vida únicas, marcadas pela família, escola, trabalho entre outros.

A análise narrativa pressupõe a exploração não só do que é dito, mas também de como é dito. Olha-se para o conteúdo e para a forma, podendo examinar-se o modo figurativo como a linguagem é usada. Metáforas, analogias, semelhanças e outros tipos de imagens, fornecem indicação sobre um significado diferente do que é dito (GALVÃO, 2005, p. 9).

Compor um movimento de análise narrativa, é se atentar às pausas, às incertezas, às mudanças que pontuam durante todo o diálogo. Considerando o que Riessman ressalta em seu livro *Narrative Analysis*, citado por Galvão (2005, p. 8) “A autora tenta demonstrar que não há um só método de análise narrativa, mas um conjunto de abordagens dos textos que tomam formas narrativas diferentes”. Então, com base na análise de Riessman, podemos considerar vários métodos e modos de operar no decorrer das análises, a partir de cada narrativa. A seguir trataremos as entrevistas, juntamente com um possível exercício de análise narrativa.

3. ANÁLISES DE NARRATIVAS: POR ENTRE VOZES, EXPERIÊNCIAS, DIFICULDADES E REFLEXÕES

Histórias podem ser um excelente terreno de análise se não ignorarmos todos os aspectos inerentes à sua recolha e apresentação (GALVÃO, 2022, p. 05).

Nesse capítulo, apresentamos as narrativas como fonte de produção dos movimentos de análise. Optamos por utilizar as entrevistas completas, seguidas de alguns trechos em articulação com a fundamentação teórica e as nossas experiências.

No primeiro momento analisamos a entrevista do Fábio, enfatizando as falas que no decorrer da entrevista nos chamaram mais atenção, pois, se trata de uma costura que nos leva a reflexão dos vários fatores que estão interligados a educação.

Já no segundo e último momento, analisamos a entrevista de Nilza. Destacando as partes que mais nos tocaram, principalmente, acerca das dificuldades e expectativas de sua trajetória, uma vez que entrevista nos mostra como obstáculos e desafios podem ser driblados, por conta da dedicação, persistência e criticidade sobre a realidade.

3.1 Um encontro com Fábio

A entrevista foi realizada no dia 10 de outubro de 2022, de forma presencial, em sua residência. O entrevistado optou por utilizar seu próprio nome durante toda a construção das análises.

Mônica: Boa tarde, tudo bem? Primeiro quero agradecer você, por aceitar fazer parte do meu trabalho de conclusão de curso, concedendo essa entrevista, desde já agradeço.

Mônica: Nome, idade e como gostaria de ser chamado;

Fábio: Fábio de Oliveira Rodrigues, 32 anos.

Fábio: Não se trata de como eu gostaria de ser chamado, se trata de, normalmente, cada lugar eu sou tratado de uma maneira, numa questão do nome. E pra mim é confortável.

Mônica: Posso lhe chamar de Fábio então?

Fábio: Da maneira que você se sentir confortável.

Mônica: Ah sim, ok. Conte um pouco da sua história de vida;

Fábio: História de vida. E me pegou hein (risos). Por onde devo começar?

Mônica: Por onde você se sentir mais à vontade

Fábio: É uma pergunta bem abrangente. Sem um norte é difícil de dizer. Você quer saber da minha infância, da minha adolescência, da minha atual idade, dos acontecimentos no caso?

Mônica: Então me fala um pouco da sua infância...

Fábio: Nasci em Vitória da Conquista, tenho dois irmãos e três sobrinhos, pai e mãe presentes. Foi uma infância saudável, pode se dizer.

Mônica: Adolescência?

Fábio: Saudável também sem confronto algum

Mônica: Até sua fase adulta?

Fábio: Sim, até minha fase adulta.

Mônica: Conte um pouco da sua família;

Fábio: Minha família, minha família... pai e mãe. Pessoal, mais próximo?

Mônica: Sim.

Fábio: Ah são pessoas com quem eu tenho proximidade e, no entanto, algumas desavenças, só que nada demais. Acho que coisa bem comum. E as pessoas que eu gosto, eu gosto, as que eu não gosto, eu não gosto, no entanto, eu respeito. Elas lá eu aqui.

Mônica: Primeiro acesso ao ensino escolar;

Fábio: Me lembro sim, não me lembro a idade ao certo, mas bem novo no colégio Escadinha do Saber, bairro Flamengo.

Mônica: Teve acesso à escola? Desde cedo??

Fábio: Desde cedo. Só nunca fui interessado, mas sempre estive.

Mônica: Primeiras experiências na escola;

Fábio: Ah lembro várias hein, muitas. Só não sei dizer a idade. Ah, me lembro que uma vez um garoto... Wilson o nome dele, já era malandro sabe? Espertão. Ele fez uma troca, eu acho que ele tinha uma, uma volta, uma coisa assim, uma voltinha de pescoço e aí ele trocou com, com a colega da gente de sala, trocou numa régua que ela tinha bem bonitinha, cheia de coisinha, sabe? Brilhosa e tal, umas aguazinhas, uns peixinhos, uma régua, enfim, ele trocou uns minutos depois, ele foi lá e ó, roubou a régua dela. Isso foi marcante pra

mim. Criança sendo criança, mas é o tipo de criança que já nasce com uma malícia, né? Infelizmente.

Mônica: *Tem mais alguma experiência?*

Fábio: *Hum... Aí não em especial que eu me lembro no momento não*

Mônica: *Dificuldades encontradas para esse início de estudo;*

Fábio: *Adaptação, eu diria que eu era introvertido era sim. Eh, como mais eu posso classificar no popular era acanhado, vergonhoso. Dificuldade eu acho, que eu não tive bons professores a princípio na formação, na alfabetização. Eu acho que esse foi o maior defeito. Talvez se eu tivesse tido eh uma boa professora, não foi o caso, eh mais atenção no caso, sabe? Eu teria tido uma desenvoltura melhor, talvez eu tinha interesse pra desenvolver uma desenvoltura.*

Mônica: *Para você, o que é a EJA? E como foi participar dessa modalidade?*

Fábio: *O que é EJA? Ah EJA é basicamente um programa de escola pra aquele cara que, definitivamente, não é que não quer “nada” mas, é que [...] assim, salva exceções, há pessoas que estão lá [...] não consegue e que são até inteligentes, por assim dizer, mas que não teve interesse, mas eu diria que mais de noventa por cento tá lá, porque é realmente “b****”. Realmente b****, praticamente, por dificuldade pra aprender, enfim, é basicamente isso aí.*

Mônica: *Como foi participar dessa modalidade?*

Fábio: *Ah estava em casa né? Não precisava fazer nada. Ele simplesmente me passava. Era basicamente isso aí.*

Mônica: *Qual foi o motivo que você ingressou na EJA?*

Fábio: *Ah não foi que eu ingressei por vontade própria, eh como eu lhe disse, eu num nunca fui afim assim e aí era a única opção de terminar o ensino médio. Muito provavelmente se eu tentasse concluir pro segundo e terceiro, chamado primeiro, segundo, terceiro grau na época. Pouco provável que eu teria passado. Eu acredito que não. Apesar de que tem uma história na oitava série. Eu “pesquei” o ano todinho, né? Mas em uma dita matéria, matemática eh fui reprovado como já era de costume e Daniel, um primo meu e amigo, que é um cara que eu tenho estima, altamente inteligente, cara surreal no quesito intelecto, sabe? E aí eu já tava, sabia que não havia capacidade de passar, mas eu fiquei surpreso comigo e com ele, conforme o que ele me ensinou e acabou que eu tirei quase um*

dez lá na prova de matemática. A professora ficou surpresa e ela se certificou o tempo todo de que não tinha ninguém, passando nada pra mim. E foi isso.

Fábio: Foi quando eu disse pra você. a importância vem eh [...] num todo assim do princípio da alfabetização, você tem que ser bem alfabetizado, se isso não acontece as coisas não fluem como deveria fluir, eu acredito que seja isso.

Mônica: Como foi retornar ao ambiente escolar;

Fábio: Não, eu não sei dizer com precisão. Teve um ano no EJA que eu desisti, porque eu estava trabalhando muito. e porque eu num [...] eu num aprendi assim, tinha dificuldade pra caramba e achava uma “b****” isso. Aí desintressei, perdi esse ano, desisti esse ano. Acho que só foi um ano só. Mas, eu repetir as séries várias vezes. Inclusive teve um ano que eu estava na sexta série e me colocaram no EJA, na quinta e sexta. E na época eu fiquei meio eh [...] confuso. Eu imaginei que pudesse ter me colocado na sexta e na sétima, é só que nunca existiu isso aí. Aí soube aqui. Inclusive foram com outros amigos. Só que o interessante é que eles tinham uma facilidade maior de aprender. Eu não sei por que motivos estavam lá. Foi como eu disse pra você, nos casos de sobra exceções. Há pessoas que estão lá, que sei lá. Porque não quiseram estudar; porque estavam com preguiça; por algum motivo particular. O que não era meu caso.

Mônica: Você nunca parou de estudar então?

Fábio: Não. Eu nunca deixei de estudar. um ano que eu estava fazendo a EJA a noite eu não concluí, eu parei no meio do ano, não foi que eu, tipo, última série, que eu fiz a oitava série, por exemplo, o curso normal. Aí eu, não, não quero mais estudar e vou voltar depois, não foi isso não.

Mônica: Desafios de ser aluno na EJA;

Fábio: Ah não existe desafio não. Não tem desafio, você não está ali pra eh como em um, num colégio normal assim saber, não tem, é tudo muito simples, muito, você não precisa nem fazer nada, eles basicamente fazem, o Governo tem interesse em ter o índice de aprovados alto, então eles fazem isso.

Mônica: Desafios de ser professor na EJA;

Fábio: Ah o desafio é que eles estão lá, tem conteúdo, tem todo o conteúdo e o pessoal que está lá num, não dispõe desse [...] desse conhecimento, né? Interior, de querer e de aprender com algumas instruções. Esse é o desafio de tá lá pra pessoas que tão c*****

pra isso. Não pra eles, basicamente, pro conhecimento que eles tão passando ali. Inclusive eu tive um bom professor no EJA, eh o cara integrou em tudo assim e muito inteligente. Eu tive algumas vezes na casa dele, algumas festas eu tive lá. O cara muito inteligente mesmo. Foi professor de química, química eu sempre tive uma confusão sobre a química e física. Então não sei dizer ao certo do que ele era. Qual matéria ele lecionava, mas era entre química ou física.

Mônica: *Como era sua relação com os alunos e professores da EJA;*

Fábio: *Ah a noite eu não tinha muita amizade assim não, era a noite, eu estudei a noite, poucos anos, um, dois ou três no máximo. Eh, então eu tinha um amigo em especial que era Maciel. E não tinha maiores amigos assim não, tinha pessoas que eu conhecia e que eu falava, mas amigos são exceto esse Maciel.*

Mônica: *E com os professores?*

Fábio: *Ah eu tive uma boa relação, porque apesar de tudo eh [...] eu sempre fui curioso e na área de tipo arte, música, essas coisas, a gente mantinha um diálogo. Era basicamente isso.*

Mônica: *Qual a importância da EJA na sua vida?*

Fábio: *Importância, a importância foi ter concluído o ensino médio.*

Mônica: *Dentre as matérias que você cursou na EJA, qual a que você sentiu mais dificuldade?*

Fábio: *É como eu disse pra você, não há dificuldade em algo que eu não tenha que aprender. Primeiro, porque o conteúdo é básico e depois que por mais que eu não aprenda o conteúdo eles vão me passar. Então não existe desafio.*

Mônica: *Fala um pouco pra mim sobre a experiência com...*

Fábio: *Mas além de tudo, me permita lhe interromper. Além de tudo, parte do da minha falta de interesse e da minha falta de intellectus pra aprofundar ali, não é só uma questão do EJA, vai muito além, como ele disse. Entendeu? Tem um certo conteúdo, nada comparado com, com o regular, segundo e terceiro, mas existe sim um conteúdo. No entanto, se você não passa, eles vão passar você.*

Mônica: *Conte um pouco das experiências com o ensino de Matemática na EJA;*

Fábio: *A experiência é zero, o que eu aprendi na oitava série era muito superior ao que tinha lá no EJA.*

Mônica: *Você tinha alguma dificuldade em matemática?*

Fábio: *Eh, não fiz nada então não posso dizer pra você que eu tive dificuldade.*

Mônica: *Em algum momento já teve dificuldade em matemática?*

Fábio: *Eu sempre tive dificuldade em tudo. Não tem em especial, algo em especial. Mas eu fiquei surpreso na história que eu te falei lá. Na oitava série em matemática foi quando eu fechei, quase fechei a prova. Não fechei por um assunto que a gente não estudou, que era muita coisa e não deu, né. Mas função quadrática, eh equação, acho que Bhaskara, não sei se tinha na época, enfim, dentre outros assuntos lá e foi fichinha. Eu fiquei surpreso, mas acho que foi mais um método que meu amigo usou comigo do que qualquer outra coisa. Ele tornou fácil o que era, já era fácil, sabe? Mas sempre tive dificuldade em tudo.*

Mônica: *Durante os seus estudos na EJA, os conteúdos trabalhados em sala de aula tinham relação com o seu dia a dia?*

Fábio: *Não que eu me lembre. Sei não, que eu me lembre. Ao contrário. Era muito desorganizado.*

Mônica: *Ao concluir seus estudos na modalidade, os desejos criados por você nesse período foram alcançados?*

Fábio: *Quais desejos, por exemplo?*

Mônica: *Algum objetivo durante ou até mesmo depois de concluir seus estudos na EJA?*

Fábio: *Não, não, não. Porque eu teria que ter sido bem alfabetizado para isso e esse foi o problema maior. Foi o problema pioneiro, sabe? Foi isso aí.*

Mônica: *O que você fez após concluir os estudos na EJA?*

Fábio: *Faculdade, curso técnico não. Nada disso, eu fiz alguns vestibulares.*

Mônica: *Então você tentou dar continuidade aos seus estudos?*

Fábio: *Na verdade eu fiz, mas a pedido de [...] de outras pessoas, por achar que existisse uma capacitação em mim. Então até mesmo por que vai fazer o vestibular à toa, né? Vai estar ali dando murro em “ponta de faca”. Uma tremenda ignorância. Eu quase zero conhecimentos e fazendo um vestibular. Então aí, tu está entregando o seu tempo numas coisas que não vai lhe dar retorno. Diferente de tu ir lá estudar e prestar o vestibular. Totalmente diferente. Ainda que a nota não seja plausível. Mas é praticamente isso.*

Mônica: *Como é a sua relação com a matemática hoje?*

***Fábio:** Tranquilo no sentido de [...] de somar, eu sei somar, somente isso. Subtrair eu não sei. Dividir também não sei. Agora eu sei usar um pouco da calculadora, se eu tivesse tido uma alfabetização boa, não teria precisado recorrer o EJA para concluir o ensino médio, e hoje não teria essa dificuldade.*

***Mônica:** Muito obrigada pela entrevista.*

***Fábio:** De nada, estou à disposição.*

Iniciamos os movimentos de análise evidenciando a entrevista completa. Passamos agora para a composição com algumas falas, com enfoque no nosso objeto de pesquisa, as dificuldades enfrentadas por alunos que concluíram os estudos na EJA. Sobre isso, nosso entrevistado pontua que:

Dificuldade eu acho, que eu não tive bons professores a princípio na formação, na alfabetização. Eu acho que esse foi o maior defeito. Talvez se eu tivesse tido eh uma boa professora, não foi o caso, eh mais atenção no caso, sabe? Eu teria tido uma desenvoltura melhor, talvez eu tinha interesse pra desenvolver uma desenvoltura (Entrevista, Fábio, 10 out. 2022, grifo nosso).

O educador tem parte da responsabilidade em sala de aula, podemos observar na citação acima, da entrevista de Fábio, que ele relata que não era dificuldade o seu caso, mas sim, por falta de atenção da professora, que ele entende que não foi bem alfabetizado. De acordo com Freire (2017, p. 64) “A responsabilidade do professor, de que às vezes não damos conta, é sempre grande. A natureza mesmo de sua prática, eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza”. Fábio tem em sua memória que não se sentia à vontade em sala de aula, e por esse motivo, não se interessava. Mais de uma vez o entrevistado afirma que não teve bons professores na alfabetização, esse é o juízo que ele faz acerca do educador, nessa fase da sua vida, a marca de uma ausência de atenção, exatamente como afirma Freire, acerca do professor em sala de aula (2017, p. 64) “Sua presença na sala de aula é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. E o pior talvez dos juízos é o que se expressa na ‘falta’ de juízo. O pior juízo é o que considera o professor uma ausência na sala”. Quando olhamos para essa questão é possível perceber que Fábio se constituiu na ausência, produziu com a falta e carrega consigo tal marca. As possíveis dificuldades parecem estar sobrepostas a uma carência de

alfabetização, em outras palavras, o debate sobre e com as dificuldades dos alunos da EJA perpassa por questões que tocam a relação professor-aluno e, com isso, evidenciam complexidades, como é o caso da alfabetização, fato mencionado por nosso entrevistado. Quando questionado sobre sua concepção e participação na modalidade da EJA, ele afirma que:

O que é EJA? Ah EJA é basicamente um programa de escola pra aquele cara que, definitivamente, não é que não quer “nada” mas, é que [...] assim, salva exceções, há pessoas que estão lá [...] não consegue e que são até inteligentes, por assim dizer, mas que não teve interesse, **mas eu diria que mais de noventa por cento tá lá, porque é realmente “b****”**. Realmente b****, praticamente, por dificuldade pra aprender, enfim, é basicamente isso aí (Entrevista, Fábio, 10 out. 2022, grifo nosso).

Ah não foi que eu ingressei por vontade própria, eh como eu lhe disse, eu num nunca fui afim assim e aí **era a única opção de terminar o ensino médio**. Muito provavelmente se eu tentasse concluir pro segundo e terceiro, chamado primeiro, segundo, terceiro grau na época. Pouco provável que eu teria passado. Eu acredito que não (Entrevista, Fábio, 10 out. 2022, grifo nosso).

Ele ressalta que pode ter aluno na EJA inteligente, mas que esses, são minorias e mesmo que sejam inteligentes, não tiveram interesse, e por esse motivo não concluíram no tempo regular o ensino médio. Ele conclui dizendo, que mais de noventa por cento dos alunos da EJA, tem dificuldade de aprendizado. Com isso, para o Fábio a Educação de Jovens e Adultos é um programa para alunos com dificuldades em aprender ou desinteressados. O que, de certa forma, converge para uma visão reducionista da modalidade, negligenciando toda a trajetória de luta. As falas do nosso entrevistado parecem operar no senso comum, nesse momento, queremos destacar que suas concepções foram forjadas em meio a sociedade, ou seja, não caminham sozinhas, dessa forma, com este movimento de análise estamos tentando mobilizar problematizações, produzir reflexões e, mais do que isso, provocar mudanças em nossas concepções e crenças sobre e com a EJA.

Para o entrevistado a EJA foi sua única possibilidade de concluir seus estudos, porque não acreditava que conseguiria estudar no ensino regular e ser aprovado. Podemos perceber que no momento que ele fala que não foi por vontade própria, o seu ingresso na Educação de Jovens e Adultos, ele demonstra que não gostaria de fazer parte dessa modalidade, mas, entendi que é parte desse público, isso é afirmado em suas palavras, quando questionado

sobre a sua compreensão da EJA. Pois, ele próprio se define como um aluno que tem dificuldade de aprender. A narrativa de Fábio caminha para aspectos de baixa autoestima, pois ele não acreditava em si mesmo e reforçava, o tempo todo, que era um aluno com dificuldades de aprender. O que revela em sua fala uma sensação de não pertencimento a modalidade da EJA. Com relação ao que foi discutido, Costa e Amorim (2021, p.10) afirmam que, o “[...] diálogo favorece à construção de outro aspecto de desafio do aluno em sala de aula, a baixa autoestima, que é reforçada pelo fracasso escolar ou pela ideia de se sentir incapaz por não ter continuado na escola”. Fábio carrega consigo marcas, cicatrizes que parecem doer, sua voz ecoa por características que dialogam com os apontamentos dos autores, como a sensação de se sentir incapaz, ou em suas palavras, b****.

O entrevistado observa a modalidade da Educação de Jovens e Adultos como uma oportunidade que não requer esforço para alcançar seu objetivo. E esse objetivo, em sua entrevista, parece convergir para o alcance da certificação. Isso pode refletir o sistema educacional brasileiro, que por muitas vezes, figura estar, majoritariamente, preocupado com a quantidade em detrimento dos aspectos que regem um processo educativo de qualidade.

Outro ponto que pode ser evidenciado na narrativa, é a formação e atuação de professores na modalidade. Pois, é possível perceber uma certa fragilidade na formação específica dos professores que atuam na modalidade e, com isso, a formação, discente e docente, sofre danos a serem sentidos com o passar dos anos, e que reverberam em diferentes esferas da sociedade. Em uma pesquisa feita por Pardim e Calado (2016, p. 15) “[...] professores disseram não terem recebido formação específica para trabalharem com EJA, mas consideram que ela seja de máxima importância”, por conta que “[...] o público é diferenciado e necessita de uma maior atenção quanto às formas e metodologias que devem ser utilizadas para que realmente se faça uma educação de qualidade, valorizando e respeitando as diferenças” (PARDIM; CALADO, 2016, p. 15).

Em um momento da entrevista, logo após afirmar que não seria capaz de concluir o ensino médio no período regular, nosso entrevistado sugere, sobre o ensino e a aprendizagem da matemática, que

[...] “pesquei” o ano todinho, né? Mas em uma dita matéria, **matemática eh fui reprovado como já era de costume** e Daniel, um primo meu e amigo, que é um cara que eu tenho estima, altamente inteligente, cara surreal no quesito intelecto, sabe? E aí eu já tava, **sabia que não havia capacidade de passar, mas eu fiquei surpreso comigo** e com ele,

conforme o que ele me ensinou e acabou que eu **tirei quase um dez lá na prova de matemática**. A professora ficou surpresa e ela se certificou o tempo todo de que não tinha ninguém, passando nada pra mim. E foi isso (Entrevista, Fábio, 10 out. 2022, grifo nosso).

Foi quando eu disse pra você a importância vem eh [...] num todo assim do princípio da alfabetização, **você tem que ser bem alfabetizado, se isso não acontece as coisas não fluem como deveria fluir**, eu acredito que seja isso (Entrevista, Fábio, 10 out. 2022, grifo nosso).

O entrevistado faz uma (auto)reflexão ao lembrar um episódio que passou na aula de matemática, quando foi submetido a fazer uma prova, surpreendendo a ele e a professora, por conseguir alcançar uma nota não antes alcançada. Assim, como afirma WorcmanI e Costa (2015, p. 8) “Todo narrador institui um Eu para historicizar. Por vezes, produz reflexões sobre esse Eu ao longo da narrativa e, por outras, ele apenas explicita os acontecimentos”, como é o caso do nosso entrevistado. Além de explanar um acontecimento o entrevistado reflete acerca do pensamento que ele tem de si próprio. E isso faz com que ele revise suas ações, tendo a oportunidade de (re)significá-las.

Nesse momento, o mesmo reconhece que foi capaz, quando até mesmo a educadora se certificou, várias vezes, que ele não tinha “pescado”, demonstrando desacreditar no resultado obtido por ele. Quando o Fábio cita o amigo como um cara altamente inteligente, percebe-se que ele entende por inteligente, aquele que além de saber para si, também sabe produzir conhecimento coletivamente. O que fica claro quando ele volta a afirmar que o que faltou para ele foi uma boa alfabetização e, por esse motivo, ele não se desenvolveu, não fluiu como gostaria.

Outro ponto que chama a nossa atenção, é o fato do entrevistado se referir a disciplina de matemática como uma “dita matéria,” demonstrando não ter grande simpatia para com a matemática. Com isso, percebemos que a matemática pode ser temida por muitos estudantes, que acreditam que esta matéria é complexa e destinada a algumas pessoas, os ditos “mais inteligentes”. Quando questionado sobre seu retorno ao ambiente escolar, Fábio menciona que:

Teve um ano no EJA que eu desisti, porque eu estava trabalhando muito. e porque eu num [...] eu num aprendi assim, tinha dificuldade pra

caramba e achava uma “b*****” isso. Aí desintressei, perdi esse ano, desisti esse ano (Entrevista, Fábio, 10 out. 2022, grifo nosso).

Para o entrevistado a necessidade de trabalhar somada a sua dificuldade, foi o motivo da sua desistência, mas antes disso teve o desinteresse. O que abre espaço para podermos entender, que se o mesmo tivesse sido motivado, mesmo com os desafios, ele poderia não ter desistido. É fácil compreender que essa responsabilidade não foi apenas de Fábio, mesmo quando ele próprio se responsabiliza. Nosso entrevistado parece estar atravessado por uma sociedade que pouco a pouco o expelle da educação, como sendo um processo excludente. Acerca disso, Fonseca afirma que (2016, p. 30) “[...] o sujeito formulará a narrativa do processo de exclusão colocando-se a si mesmo como responsável por esse desfecho que redundou na sua saída da escola. Atribuir a um fracasso pessoal a razão da interrupção da escolaridade é um procedimento marcado pela ideologia do sistema escolar”. Traço marcante na narrativa de Fábio.

Os alunos da EJA, precisam de motivação em sala de aula, pois os desafios e dificuldades encontradas por eles, podem fazê-los parar. O sistema escolar pode contribuir para a permanência e pode também contribuir para a desistência desses alunos. Ele traz para si toda a responsabilidade do processo e isso é fruto de uma estratégia de exclusão, como mencionado por Fonseca (2016). A seguir, é possível notar os trechos em que ele evidencia suas compreensões sobre os desafios enfrentados e a importância da EJA em sua vida.

Ah não existe desafio não. Não tem desafio, você não está ali pra eh como em um, num colégio normal assim saber, não tem, é tudo muito simples, muito, você não precisa nem fazer nada, eles basicamente fazem, o Governo tem interesse em ter o índice de aprovados alto, então eles fazem isso (Fábio, Entrevista, 10 out. 2022, grifo nosso).

Importância, **a importância foi ter concluído o ensino médio** (Fábio, Entrevista, 10 out. 2022, grifo nosso).

Quando pergunto sobre os desafios de ser um aluno da EJA, o entrevistado, afirma que não tem desafios. Em um momento da entrevista, anteriormente, ele afirma ter desistido quando estava estudando na EJA, por dificuldade. Então podemos entender que para Fábio a dificuldade foi no aprendizado dos conteúdos, pois ele relata que “não precisa nem fazer nada

para passar”. Aqui também é possível perceber a contradição como sendo um operante das ações do entrevistado, que entende a dificuldade como um não desafio. E, além disso, reforça a certificação como produto da EJA, ou seja, tal entendimento fragiliza o objetivo, luta e trajetória da modalidade.

A Educação de Jovens e Adultos é marginalizada e desprestigiada pela sociedade e pelas políticas públicas educacionais. A falta de informação e conhecimento acerca do objetivo da modalidade, traz consigo a desvalorização. A fala do Fábio reflete o que parte da sociedade entende sobre o que é a EJA. Até mesmo, as pessoas que fazem parte desse projeto podem contribuir para essa desvalorização, reproduzindo a falta de informação. Nesse sentido, de acordo com Pardim e Calado (2016, p.6) “[...] está educação sofre com a desvalorização de seus profissionais e com a falta de investimentos que visem a uma formação que leve o indivíduo ao pleno desenvolvimento e ao preparo para o exercício da cidadania [...]”.

O objetivo de Fábio era concluir o ensino médio. E para ele a EJA, foi importante, porque foi o meio de conseguir a conclusão do ensino médio. Entretanto, as discussões presentes na literatura e nos documentos oficiais evidenciam que a EJA não deve ser limitada ao processo de certificar os estudantes, em outras palavras, a EJA deve promover educação como sendo transformação da realidade, a partir da pluralidade em ler, escrever e interpretar o mundo. Sobre os desafios que os professores encontram na EJA, Fábio afirmou dizendo.

Ah o desafio é que eles estão lá, tem conteúdo, tem todo o conteúdo e o pessoal que está lá num, não dispõe desse [...] desse conhecimento, né? Interior, de querer e de aprender com algumas instruções. **Esse é o desafio de tá lá pra pessoas que tão c***** pra isso.** Não pra eles, basicamente, pro conhecimento que eles tão passando ali (Fábio, Entrevista, 10 out. 2022, grifo nosso).

Um dos maiores desafios dos professores em sala é chamar atenção dos alunos, para que se tenha um melhor desenvolvimento nas aulas. Podemos ver que a cada ano os alunos da EJA, tem um perfil mais jovem, o que na literatura é chamado de juvenilização da EJA, que em sua maioria tiveram acesso a escola, mas que não tiveram sucesso no período regular. Logo vem com outras bagagens, diferentes tipos de conhecimento, no que diz respeito a vida escolar.

Para o entrevistado a falta de interesse dos alunos com os conteúdos trabalhados, é um desafio encontrado pelos professores da EJA. E com esse movimento, percebemos uma outra nuance da identidade dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, melhor dizendo, uma mudança de identidade, pois, até então, essa modalidade tinha mais alunos adultos e idosos, e que possuíam visões diferentes de escola. Ainda com base no documento, “O primeiro grupo vê na escola uma perspectiva de integração sociocultural; o segundo mantém com ela uma relação de tensão e conflito aprendida na experiência anterior” (FASHED, 2005, p. 117). São públicos diferentes em uma mesma modalidade de ensino, então reafirmamos a importância da formação específica para os educadores dessa modalidade, visando solucionar esses e outros desafios encontrados na EJA.

Já sobre as dificuldades encontradas na EJA, Fábio relata que

[...] **não há dificuldade em algo que eu não tenha que aprender**. Primeiro porque o conteúdo é básico e depois que por mais que eu não aprenda o conteúdo **eles vão me passar**. Então não existe desafio (Fábio, Entrevista, 10 out. 2022, grifo nosso).

Mas além de tudo, me permita lhe interromper. Além de tudo, parte do da minha falta de interesse e da minha falta de intellectus pra aprofundar ali, não é só uma questão-do EJA, vai muito além, como ele disse. Entendeu? **Tem um certo conteúdo, nada comparado com, com o regular, segundo e terceiro, mas existe sim um conteúdo. No entanto, se você não passa, eles vão passar você** (Fábio, Entrevista, 10 out. 2022, grifo nosso).

Acerca disso, é preciso destacar também que “[...] os jovens carregam consigo o estigma de alunos problema, que não tiveram êxito no ensino regular e que buscam superar as dificuldades em cursos aos quais atribuem o caráter de aceleração” (FASHED, 2005, p. 117). Eles enxergam na EJA essa oportunidade, o ensino possui suas especificidades, desenhado para o trabalho com uma metodologia pensada e estruturada para abranger este público, porém, alguns jovens não acham o ensino atrativo. Um possível motivo seja o acesso anterior ao ensino regular, pois, estes jovens convivem com a tecnologia ao seu favor, se familiarizaram com as telas e clicks rápidos, ou seja, possuem uma visão de mundo um tanto diferente daqueles que não tiveram essas oportunidades.

O que é “fácil” para eles pode ser “difícil” para outros. Dentro dessa perspectiva, os alunos que de fato almejam a conclusão do ensino médio, tem na EJA a oportunidade que nunca tiveram (em alguns casos), ou que um dia lhes foi negada, por todo um contexto

familiar, econômico e social. Logo, de acordo com Fashed (2005 p. 118) “Esses dois grupos distintos de trabalhadores de baixa renda encontram-se nas classes dos programas de escolarização de jovens e adultos e colocam novos desafios aos educadores, que têm que lidar com universos muito distintos nos planos etários, culturais e das expectativas em relação à escola”. De um lado temos pessoas que tem interesse de aprender o que é ensinado na Educação de Jovens e Adultos, por entender a importância e a relevância que isso pode contribuir na sua vida, por outro lado, temos outros que observam modalidade como uma oportunidade rápida de chegar à conclusão do ensino médio. Como mencionado, anteriormente, são desafios que perpassam a EJA, a partir dos distintos planos etários.

Sobre as experiências e dificuldade nas aulas de matemática na EJA o entrevistado relata que:

A experiência é zero o que eu aprendi na oitava série era muito superior ao que tinha lá no EJA (Fábio, Entrevista, 10 out. 2022, grifo nosso).

Eh **não fiz nada** então não posso dizer pra você que eu tive dificuldade (Fábio, Entrevista, 10 out. 2022, grifo nosso).

Eu sempre tive dificuldade em tudo. Não tem em especial, algo em especial. Mas eu fiquei surpreso na história que eu te falei lá. Na oitava série em matemática foi quando eu fechei, quase fechei a prova (Fábio, Entrevista, 10 out. 2022, grifo nosso).

[...] **eu sei somar, somente isso. Subtrair eu não sei. Dividir também não sei.** Agora eu sei usar um pouco da calculadora, se eu tivesse tido uma alfabetização boa, não teria precisado recorrer o EJA para concluir o ensino médio, e hoje não teria essa dificuldade (Fábio, Entrevista, 10 out. 2022, grifo nosso).

Quando o entrevistado traz à tona a reflexão, que já tinha feito anteriormente, acerca da sua própria capacidade, dizendo que se surpreendeu com ele mesmo por ter alcançado uma nota alta, podemos perceber a importância dessa experiência em sua vida, ao ponto de escolher narrar esse fato. Ao relatar que tem dificuldade em tudo e não apenas em matemática, ele traz consigo toda uma memória, desde a infância, pois o mesmo reafirma que não foi bem alfabetizado. Fábio relaciona sua passagem na EJA, como consequência dos estudos na sua infância, no período inicial, por ter precisado recorrer a Educação de Jovens e Adultos, comparando essa modalidade com ensino regular e entende que por ter concluído

seus estudos neste programa, continua tendo dificuldades, principalmente, em matemática, isso fica nítido quando o mesmo revela ter dificuldades em subtrair e dividir.

Essa dificuldade relatada por ele em matemática, é um obstáculo de muitos outros alunos, inclusive da EJA, são grandes os desafios encontrados pelos educandos e, por isso, o ensino de matemática nessa modalidade tem que ser bem elaborado, planejado e pensado, para que se possa vencer essas dificuldades e desafios, para ampliar cada vez o conhecimento matemático, com vistas a qualidade educacional. Fonseca (1988), citado por Fonseca (2016, p. 22) afirma que

É sob essa perspectiva que o caráter formativo do ensino da Matemática assume, na EJA, um especial sentido de atualidade, quando se dispõe a mobilizar ali, naquela noite, precisamente naquela aula, uma emoção que é presente, que comove os sujeitos, jovens ou adultos aprendendo e ensinando Matemática, enquanto resgata (e atualiza) vivências, sentimentos, cultura, acrescentando, num processo de confronto e reorganização, mais um elo à história do conhecimento matemático.

A partir da fala da autora, corroboramos com esse entendimento e salientamos que o conhecimento matemático na EJA necessita estar ligado a realidade do aluno, assumindo performances outras em sua vida. A alfabetização para o Fábio foi um momento muito marcante, seus anseios, dificuldades e ansiedades, estão relacionadas com seu desenvolvimento escolar, do período inicial até os dias de hoje. No momento da entrevista, quando pergunto a ele sobre seus objetivos após concluir os estudos, ele me responde: “Não, não não. Porque eu teria que ter sido bem alfabetizado para isso e esse foi o problema maior. Foi o problema pioneiro, sabe? Foi isso aí” (Fábio, Entrevista, 10 out. 2022). Com isso, por não ter tido uma boa alfabetização, como o mesmo afirma, não se sente capaz de dar continuidade nos seus estudos, após concluir o ensino médio, na modalidade da educação de Jovens e Adultos.

Em suma, Fábio traz consigo marcas de um processo de exclusão, compreendendo a escolarização como uma simples obtenção de certificado. Reiteramos, novamente, que com nossos movimentos de análise fomos tentando nos distanciar de todo processo de culpabilização, pois a narrativa de Fábio torce nossas discussões realizadas até o presente momento. Todavia, produzir com essa entrevista trouxe novos olhares para a EJA, pois,

certamente, não somos os mesmos e, com isso, agora nos construímos de outro modo – com uma atenção especial as demandas e especificidades da EJA.

3.2 Um encontro com Nilza

A entrevista foi realizada no dia 08 de outubro de 2022, de forma presencial, em sua residência. A entrevistada optou por utilizar seu próprio durante toda a construção das análises.

Mônica: Boa tarde, gostaria desde já, de te agradecer pela disponibilidade. Essa entrevista vai contribuir bastante para o meu trabalho de conclusão de curso. E quero que você se sinta à vontade.

Mônica: Nome, idade e como gostaria de ser chamada;

Nilza: O meu nome é Elenilza. Eh gostaria, gostaria de ser chamada por Nilza caso, né ou Elenilza mesmo. Eh, tenho quarenta e nove anos moro aqui mesmo em Vitória da Conquista.

Mônica: Conte um pouco da sua história de vida;

Nilza: Eh [...] a minha vida, a minha infância foi legal, porque até então tinha os meus pais presente, que são até hoje, os meus pais são presente, a qual a gente morava na roça e na qual foi muita luta para os meus pais nos criar, meus pais tiveram vinte filhos. Eh [...], mas já assim adolescente, eu ainda adolescente, eu vim aqui pra Conquista. Eu vim embora pra trabalhar e hoje eu sou casada, Graças a Deus e tenho dois filhos.

Mônica: Quando e onde nasceu;

Nilza: Nasci em uma rocinha, uma cidadezinha, zona rural. Município de Poções, Bom Jesus da Serra, município de Poções em 29/04/1973.

Mônica: Como foi sua infância, adolescência e fase adulta;

Nilza: Nossa infância foi legal, até porque eu costumo dizer que até mesmo já dentro do ventre da minha mãe [...] eu costumo eh dizer para as pessoas que desde o ventre da minha mãe, eu já estava lutando, já querendo sair é pra trabalhar, fomos criados eu e meus irmãos. Nós fomos criados trabalhando desde novinhos e Graças a Deus os meus pais tiveram a honra de ter vinte filhos, a minha mãe pariu vinte filhos Graças a Deus e já depois que eu já era adolescente eu vim pra Conquista, eu vim pra aqui e trabalhei muito até meus dezoito anos. Eu me casei aos dezenove, engravidei aos vinte anos e nasceu uma princesa. E ainda não tinha estudado. Até comecei a estudar na adolescência e desisti, porque precisava trabalhar. Aí começava e desistia, depois de ter tido minha filha, alguns anos depois conseguir voltar e estudar até a quarta série. Até quando houve uma necessidade maior, que eu vi que tinha necessidade maior, que eu não queria passar, não queria que a minha filha passasse o mesmo que eu passei, que eu não estudei, ainda quando era nova, não fiz uma faculdade e eu comecei a me preocupar porque eu sabia da importância dos estudos.

Mônica: Conte um pouco da sua família;

Nilza: Meus pais eram lavradores, né. Todos os dois. Mãe e paiho eles trabalhavam muito, era uma vida muito sofrida, tive dezenove irmãos, hoje sou casada e tenho dois filhos.

Mônica: Primeiro acesso ao ensino escolar;

Nilza: Na infância bem pouco, quase nada.

Mônica: Primeiras experiências na escola;

Mônica: Pode ficar à vontade no seu tempo - **A entrevistada se emocionou**

Nilza: É na roça a gente, paiho colocava a gente para estudar. Só que era aquele negócio, né. A gente colocava [...] a gente nas escolas, só que no tempo que vinha chuva e tal, paiho já tirava a gente. Que era bem o final do ano, né. Que era tempo de prova de estudar para fazer as provinha. Aí paiho tirava a gente alguns dias a gente tinha que ir pra roça trabalhar. E a gente tinha que obedecer. Como a gente era obediente e nossos pais eram [...] aos meus pais e eh sabe. A gente devia obediência para os nossos pais e nós tínhamos que obedecer a ele mesmo e aí eles tiraram a gente da escola, que era bem no final do ano. Como ia passar? Se era bem no final do ano, quem tinha que estudar pra fazer as provas. Mas por necessidade maior. Hoje eu vejo maior [...] é o estudo. Mas naquela época eles não tinha o estudo como uma prioridade. É se sobrasse o tempo sabe? Era dessa forma. Então paiho ele fez isso com a gente por necessidade né. Porque era muitos filhos, era muita necessidade e tinha necessidade de trabalhar, aí ele tirava a gente da escola e já mandava falar para os professores que a gente não podia ir, que a gente ia pra roça. Trabalhando ali até o dia que Paiho liberava a gente. A gente voltava pra sala de aula de novo. Resumindo, ia fazer uma provinha que só a misericórdia, sabia nem quanto que era dois mais dois. Mas vim aqui para Conquista eu era adolescente ainda e também não fui pra escola, quer dizer, eu fui, mas eu não continuei até então, porque eu não conhecia nada, não conhecia ninguém e até fui pra escola, fiquei alguns meses, mas desisti e depois eu conheci a pessoa que é meu marido, a gente se conheceu e ele se casou comigo. Eu nem sabia nem ler e nem escrever e minha irmã mandava eu ir no mercado comprar danoninho para os meninos. E eu sabia é porque era todo dia ela ia. Eu ia com ela. Então eu fui aprendendo dessa forma. Mas quando ela falava compra tal coisa pra mim lá ela já me dava até o dinheiro contato e também já falava é tanto que ela tinha

visto no dia anterior, aí eu sabia disso, mas se eu fosse depender de preço, pra mim olhar os preço, eu não comprava. Ou comprava mais caro ou mais barato, mas por saber ler mesmo eu não sabia. Aí quando a minha filha nasceu eu voltei pra sala de aula de novo, mas devido também trabalho, cansaço eu parei de novo.

Mônica: *Você lembra a idade desse primeiro retorno para a escola, depois de casada e filhos?*

Nílza: *Eu retornei, retornei acho que eu já tinha uns, uns trinta anos já. Eu entrei na primeira série, estudei até na quarta. Aí na quarta série eu terminei, fiz quarta série, engravidei do meu segundo filho, a qual eu já tinha a minha filha mais velha, que já tinha ia completar doze anos e aí eu vi cada vez mais as coisas ficando difíceis, por conta que eu tive eclampse e quase morri, os médicos me deram uma semana pra conseguir melhorar, se não ia deixar minha filha sem mãe, foram essas as palavras do médico. Não pude mais trabalhar, meu esposo desempregado. Minha filha tinha 12 anos apenas e para mim continuar recebendo, ela ia no meu lugar, eu era empregada doméstica, eu não deixava, mas ela ia, fiquei de cama até os 9 meses, entre a vida e a morte. Então passou um tempo, minha filha ela não conseguia terminar os estudos dela, porque ela não parou de trabalhar pra me ajudar. Como ela tinha que trabalha, não que, que eu botei ela para trabalhar, não que eu tirava ela da escola, de forma nenhuma. Mas ela por ser uma menina muito cabeça, uma menina que sempre preocupou com a gente. Sempre pensou em ajudar, de fazer o melhor por mim e pelo pai dela e pelo irmão dela, que é a vida dela. Ela achou no direito de trabalhar e como ela trabalhava à noite ela ia pro colégio pela manhã, acabava dormindo na sala de aula por conta do cansaço. Aí todo dia era aquela luta pra ela ir, ela ia porque tinha trabalhado no outro dia até dez, dez e meia da noite. E ia pra escola às vezes até dormia na sala de aula. Quando chegava quase, quase que a metade, mais da metade do meio do ano, mais ou menos, ela desistia porque ela não aguentava. Isso aí ela ficou três anos sem conseguir concluir o primeiro ano. Ela não conseguia concluir o primeiro ano, por conta do cansaço e até o dia que eu comecei a me preocupar, porque eu não queria que minha filha passasse o que eu passei, por conta que eu não tive o privilégio de estudar quando era nova e nem achei apoio de ninguém. Eu comecei a me preocupar por conta que eu não queria que ela passasse o que eu passei e o meu sonho era ver ela terminar os estudos, ela cursar uma faculdade, até o dia que a*

gente vinha da rua e eu tinha pensado antes, mas não comentei com ela. Ela, ficou sabendo do EJA e foi e disse pra mim que a única maneira pra ela terminar os estudos dela era eu voltando pra sala de aula, que a gente ia fazer companhia uma pra outra. Aí eu falei beleza eu topei na hora. Já estava no meu plano, já estava feito na minha cabeça, até então, ainda não tinha botado em prática né, aí a gente voltou da rua mesmo já fui no colégio, já consegui vaga pra mim e pra ela, já compramos os cadernos e as coisa e tudo. Pronto, eu comecei na quinta e sexta do EJA e ela em humanas no EJA. Ela terminou, concluiu os estudos dela e eu fiquei até que eu terminei o meu terceiro ano.

Mônica: Para você, o que é a EJA? E como foi participar dessa modalidade?

Nilza: Foi pra mim, pra mim foi bom, porque eh [...] até então foi uma possibilidade que eu tive de terminar o terceiro ano. Porque se eu fosse fazer o ensino regular, pra mim ia ficar difícil. Por conta que eu já tinha dois filhos e eu sempre trabalhei. E ia ficar bem mais difícil. Aí eu preferi fazer o EJA por conta disso. Então hoje o que eu aprendi hoje e o que eu sou, eu agradeço esse curso aí, que foi aonde eu achei possibilidade de terminar o meu terceiro ano.

Mônica: Então foi importante para você participar dessa modalidade?

Nilza: Pra mim foi, porque até então pra mim seria muito difícil eu fazer o ensino regular e foi ótimo.

Mônica: Por qual motivo você ingressou na EJA?

O motivo que eu te falei, foi a possibilidade que eu achei que pra mim foi melhor. E até mesmo pra ajudar a minha filha pra terminar os estudos dela e também eu queria sair do vermelho. Porque o vermelho, vermelho pra mim o vermelho que estava na minha frente, que me matava quando eu chegava em algum lugar ou ia fazer uma entrevista ou preencher uma ficha e alguém perguntava qual era minha escolaridade e eu, eu falava que eu tinha parado na quarta série, eu morria de vergonha aí pra mim foi ótimo, pelo menos esse vermelho aí eu venci e também que eu pudesse também entrar no mercado de trabalho né. Que assim que eu terminei, eu já consegui um trabalho devido já ter terminado e se eu tivesse na quarta série talvez eu não tinha tido a possibilidade que eu tenho hoje.

Mônica: Como foi retornar ao ambiente escolar mais uma vez?

Nilza: Tive dois retornos né, depois de casada, assim no início foi um pouco difícil, porque tinha muito, muito jovem né. Assim, muito adolescente e foi assim um pouco difícil, mas como eu já, já tinha experiência também em outras salas quando eu fazia quarta série, eh [...] me ajudou, mas teve uma diferença grande por conta que era uma sala muito cheia, a sala estava cheia, foi início de ano a sala estava muito cheia com mais adolescentes do que adultos e foi aí que o professor trocou a gente, colocou a gente, eu e os meus colegas mais velhos e colocou a gente em sala que tinha mais adultos e aí foi tranquilo.

Monica: Desafios de ser aluna na EJA;

Nilza: O desafio é que muitos dizem que fazer esse curso não aprende nada, né. Não aprende nada, não consegue aprender nada. Só que eu Graças a Deus só tenho a agradecer, a Deus primeiramente e o meu esforço, que o que vale é a gente é o esforço. Não adianta você fazer o regular, você fazer o EJA e se a pessoa não tiver esforço de nada vai valer, pode morar na sala de aula, ele pode ter professor particular pra ensinar ele o tempo todo ali, está ao lado, lado a lado com ele, pode pagar a banca, mas se o aluno não tiver esforço, não tiver força de vontade, não vai, pra nada serve, que o que vale é força de vontade. Quando alguém tem força de vontade e fé e determinação a gente consegue e eu consegui. Graças a Deus. Sim.

Monica: Desafios de ser professor na EJA

Nilza: O desafio de ter muitos alunos com dificuldades e que não têm tempo para dedicar aos estudos em casa.

Monica: Qual é a importância da EJA na sua vida?

Nilza: É como eu te falei né. Foi a possibilidade que eu tive pra mim de voltar pra sala de aula. Que foi um curso à noite né. Foi à noite eh [...] na qual também eu me esforcei, eu ia para a sala de aula, eu chegava, não ia dormir, eu chegava cansada, com casa e filho pra cuidar, eu sempre procurava fazer os meus trabalhos. Eu nunca, no dia seguinte, eu nunca voltei sem fazer os meus trabalhos que os professores passavam, sempre eu fazia, sempre eu estava presente, eu sempre fui aluna presente, eu cansada ou, até mesmo, doente às vezes, mas, mas sempre eu fui presente, eu não faltava aula, às vezes estava frio, não estava bem de saúde, mas eu estava ali, eu não falava aula de jeito nenhum, porque eu queria terminar o meu curso.

Monica: Como era sua relação com os alunos e professores da EJA;

Nilza: *Era bom, era beleza, até então, porque eh [...] tinha mais pessoas, jovens, senhoras também, né e foi tranquilo. Com os Professores para mim foram todos maravilhosos.*

Monica: *Dentre as matérias que você cursou na EJA, qual a que você sentiu mais dificuldade?*

Nilza: *Matemática.*

Monica: *Conte um pouco das experiências com o ensino de Matemática na EJA;*

Nilza: *Sempre eu tive dificuldade, assim, matemática para mim ela foi, passou a ser mais difícil mesmo depois da sexta série em diante. Até a sexta série pra mim estava tranquilo. Mas depois da sexta em diante aí o negócio já mudou. Já vi dificuldade, muita dificuldade, na EJA foi que realmente eu fui ver como a matemática era difícil, mas também como era importante.*

Monica: *Durante os seus estudos na EJA, os conteúdos trabalhados em sala de aula tinham relação com o seu dia a dia?*

Nilza: *Às vezes né. Às vezes. Quando tinha essa relação eu conseguia entender melhor e conseguia relacionar o conteúdo no dia a dia. Eu conseguia, tinha mais facilidade para entender.*

Monica: *Ao concluir seus estudos na modalidade, os desejos criados por você nesse período foram alcançados?*

Nilza: *Sim, sim. Entrei com objetivo de ajudar minha filha a concluir os estudos dela, esse era meu maior objetivo e ela conseguiu e também ter mais oportunidades de trabalho. Nessa época eu trabalhava na casa de família. E eu também não aguentava mais ficar trabalhando em casa de família. Faltava me matar de tanto que eu trabalhava. Trabalhava igual uma condenada, todo dia eu falava pra Deus preciso me liberar desse, me libertar desse vermelho e um dia eu consegui. Consegui graças a Deus.*

O estudo me trouxe mais possibilidades, trouxe mais segurança, eh aonde hoje eu me vejo, eu posso, como eu já fiz né. Assim, quando tem concurso eu já andei fazendo. Se eu não tivesse voltado para o EJA e concluído meus estudos eu não podia ter essas e outras experiências. Logo em seguida eu fui chamada pra trabalhar. Então é um trabalho que não é casa de família e hoje o meu trabalho também precisa, é como se naquela época se eu fosse chamada pra trabalhar onde eu trabalho seria mais difícil. Como que eu ia ler, escrever e fazer conta. Como que eu ia somar? Como que eu ia fazer para as minhas receitas se eu não sabia ler e nem escrever? Então hoje graças a Deus. Hoje eu me vejo

no meu trabalho, amo o que eu faço e também agradeço a Deus, por Deus ter me dado oportunidade pra mim voltar pra sala de aula e fazer o EJA. O meu objetivo foi alcançado sim.

Monica: *Qual é a sua relação hoje com a matemática hoje?*

Nilza: *Que se eu fosse voltar hoje pra sala de aula eu acho que seria bem, bem mais fácil a matemática pra mim. Devido já o meu trabalho e eu pesquisei muito e estudo muito sabe. Eu sempre, eu tenho que tá fazendo conta, pra dividir e hoje eu teria mais possibilidades de dizer pra você que hoje matemática pra mim tá bem mais fácil de compreender.*

Monica: *O que você fez após concluir os estudos na EJA?*

Nilza: *Consegui um emprego melhor, tive mais segurança de ir para o mercado de trabalho. Comecei como ajudante de confeitaria, e fui me profissionalizando, fiz vários cursos aqui na Bahia e fora do Estado também. Hoje sou confeitaria profissionalizada e responsável pela confeitaria de uma rede de supermercados aqui em Conquista. São quatro supermercados né. E sem os estudos não seria possível.*

Iremos realizar um movimento de análise, a partir da entrevista acima, no qual abordaremos as dificuldades encontradas durante todo caminhar da entrevistada. Produzir análises é produzir com o outro, com as nossas subjetividades e experiências ao longo da vida. Vale lembrar que nosso objeto de pesquisa são as dificuldades dos alunos que concluíram seus estudos na EJA, com relação ao ensino de matemática. Entretanto, nos movimentos do narrar fomos atravessados por um emaranhado de histórias, que nos contam muitas coisas. E é com essas muitas coisas que daremos seguimento nas análises. Iniciamos com a entrevistada nos contando um pouco da sua história de vida e do seu primeiro contato com a escola.

É na roça a gente, painho colocava a gente para estudar. Só que era aquele negócio, né. **A gente colocava [...] a gente nas escolas, só que no tempo que vinha chuva e tal, painho já tirava a gente. Que era bem o final do ano, né. Que era tempo de prova de estudar para fazer as provinha. Aí painho tirava a gente alguns dias a gente tinha que ir pra roça trabalhar. E a gente tinha que obedecer. Como a gente era obediente e nossos pais eram [...] aos meus pais e eh sabe.** A gente devia obediência para os nossos pais e nós tínhamos que obedecer a ele mesmo e aí eles tiraram a gente da escola, que era bem no final do ano. Como ia passar? **Se era bem no final do ano, quem tinha que estudar pra fazer as provas.** Mas por necessidade maior. Hoje eu vejo maior [...] é o estudo. Mas naquela

época eles não tinha o estudo como uma prioridade. É se sobrasse o tempo sabe? Era dessa forma. **Então painho ele fez isso com a gente por necessidade né.** Porque era muitos filhos, era muita necessidade e tinha necessidade de trabalhar, aí ele tirava a gente da escola e já mandava falar para os professores que a gente não podia ir, que a gente ia pra roça. Trabalhando ali até o dia que Painho liberava a gente. **A gente voltava pra sala de aula de novo. Resumindo, ia fazer uma provinha que só a misericórdia, sabia nem quanto que era dois mais dois** (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

Esse início escolar da entrevistada é marcado por muitas dores, pois quando pergunto sobre esse começo, ela se emociona. Nos emocionamos juntas. Vejo que através das suas lágrimas e até mesmo do seu suspiro, que foi um tempo de escassez e muitas dificuldades. Ela relata a necessidade de ter que deixar a escola, expressando com muito sentimento esse feito, para ajudar os pais na roça, tanto ela quantos os irmãos. E inclusive quando ela utilizada a expressão “provinha” durante a entrevista, é possível perceber um sentimento de carinho e ao mesmo tempo de frustração. Mesmo ainda tão nova, não conseguiu estudar, por conta da necessidade de trabalhar. O contexto narrado pela entrevistada se alinha com os dizeres de Silva e Leão (2021, p. 142), ao afirmarem que “Os jovens no campo permaneceram, por muito tempo, numa condição de invisibilidade social. Vários fatores contribuíram para isso, tais como os pequenos números de escolas no meio rural, a inserção das crianças e jovens na produção família [...]”, ou seja, ela precisou ir para a roça trabalhar.

Naquela época o estudo era considerado um privilégio na vida de poucos, pois as famílias de baixa renda tinham o trabalho como necessidade, sendo sua prioridade. É muito importante também citarmos o momento que a entrevistada relata sobre a obediência aos pais, pois entende que os pais querem o melhor para seus filhos e nessa época era o melhor que eles poderiam oferecer, o trabalho como dignidade e o sustento para sua sobrevivência.

Nilza continua nos relatando sobre suas tentativas ao retorno escolar:

Até comecei a estudar na adolescência e desisti, porque precisava trabalhar. Aí começava e desistia, depois de ter tido minha filha, alguns anos depois conseguir voltar e estudar até a quarta série (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

Mas vim aqui para Conquista eu era adolescente ainda e também não fui pra escola, quer dizer, eu fui, mas eu não continuei até então, porque eu não conhecia nada, não conhecia ninguém e até fui pra escola, fiquei

alguns meses, mas desisti e depois eu conheci a pessoa que é meu marido, a gente se conheceu e ele se casou comigo. **Eu nem sabia nem ler e nem escrever [...]** (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

Eu retornei, retornei acho que eu já tinha uns, uns trinta anos já. Eu entrei na primeira série, estudei até na quarta. Aí na quarta série eu terminei, fiz quarta série, engravidei do meu segundo filho (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

Nesse momento, Nilza já relata o seu retorno escolar na adolescência, quando saiu da roça onde morava e veio para Vitória da Conquista. Nos chama atenção quando ela menciona que não sabia ler e nem escrever e que até tentou um retorno para sala aula, mas por dificuldade acabou desistindo. Logo percebemos que para ela o estudo sempre foi importante, porém os obstáculos eram grandes, fazendo com que houvesse empecilhos para o seu desenvolvimento escolar. Vale ressaltar que a entrevistada estava emocionada durante a entrevista, deixando claro suas emoções acerca da sua história de vida e do seu relacionamento com os estudos. Demonstrando todas suas marcas, angústias e anseios acerca de algo que, até o momento narrado, estava lhe sendo roubado.

Nilza teve outro retorno a escola após ser casada, conseguiu concluir o ensino fundamental. Grande feito alcançado por ela, pois através desse estudo, pode aprender a ler e a escrever, dentre outras experiências adquiridas nesse período.

Quando perguntamos sobre seu primeiro contato com a EJA, a entrevistada traz em sua memória o primeiro motivo que a fez se matricular da Educação de Jovens e Adultos. Nos relatando que ainda na adolescência sua filha trabalhava para ajudar a família e que a mesma:

[...] não conseguia concluir o primeiro ano, por conta do cansaço e até o dia que eu comecei a me preocupar, porque eu não queria que minha filha passasse o que eu passei, por conta que eu não tive o privilégio de estudar quando era nova e nem achei apoio de ninguém. Eu comecei a me preocupar por conta que eu não queria que ela passasse o que eu passei e o meu sonho era ver ela terminar os estudos, ela cursar uma faculdade, até o dia que a gente vinha da rua e eu tinha pensado antes, mas não comentei com ela. Ela, ficou sabendo do EJA e foi e disse pra mim que a única maneira pra ela terminar os estudos dela era eu voltando pra sala de aula, que a gente ia fazer companhia uma pra outra. Aí eu falei beleza eu topei na hora. Já estava no meu plano, já estava feito na minha cabeça, até então, ainda não tinha botado em prática né, aí a gente voltou da rua mesmo já fui no colégio, já consegui vaga pra mim e pra ela, já compramos os

cadernos e as coisas e tudo. Pronto, eu comecei na quinta e sexta do EJA e ela em humanas no EJA. Ela terminou, concluiu os estudos dela e eu fiquei até que eu terminei o meu terceiro ano (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

A entrevistada traz consigo a importância dos estudos e quão grandes foram os efeitos que a falta do mesmo trouxeram para sua vida e de sua família. A educação para Nilza é um privilégio que ela não teve. Essa afirmação é forte e perceptível na entrevista, onde com o passar dos anos a educação foi sendo ressignificada em sua história, trazendo a ela os desdobramentos de poder ler e escrever o mundo e, com isso, ampliar a capacidade de refletir sobre os processos que demarcam o seu exercício de cidadania. Ainda por essa direção, a Fashed (2005, p. 41) reitera que “A escola é uma instituição construída historicamente no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social [...]”. Então, quando esse indivíduo é impossibilitado de ter acesso a escola, geralmente, por motivos socioeconômicos, podemos dizer que ele teve seu direito negado.

Dessa forma, compreendemos o sentimento da entrevistada, em não se sentir privilegiada, por conta do rápido acesso ao mundo do trabalho e também pelo pouco incentivo aos estudos. Mesmo com todas as dificuldades encontradas no caminho, ela demonstra nunca ter desistido, definitivamente, dos seus estudos e, até mesmo, antes de concluí-los, desejava para a filha o privilégio que ela não teve e dando o apoio que ela não recebeu. Demonstrando para nós que a persistência e a força de vontade são princípios importantes que podem nos auxiliar na busca daquilo que almejamos.

Perguntamos para Nilza o que é a EJA e como foi participar dessa modalidade, ela nos relata que:

Foi pra mim, pra mim foi bom, porque eh [...] até então **foi uma possibilidade que eu tive de terminar o terceiro ano**. Porque se eu fosse fazer o ensino regular, pra mim ia ficar difícil. Por conta que eu já tinha dois filhos e eu sempre trabalhei. E ia ficar bem mais difícil. Aí eu preferi fazer o EJA por conta disso (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

Pra mim foi, porque até então **pra mim seria muito difícil eu fazer o ensino regular e foi ótimo** (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

Percebemos que para a entrevistada a EJA é uma oportunidade de ensino e aprendizagem para as pessoas que, assim como ela, não tiveram o acesso ou interromperam o período do ensino regular. Por dificuldades da vida, responsabilidades e desafios enfrentados diariamente. Nilza destaca que essa modalidade contribuiu para conclusão dos seus estudos, feito sempre almejado e sonhado por ela. Quando perguntamos para Nilza sobre o motivo de seu ingresso na EJA, ela reforça que:

O motivo que eu te falei, foi a possibilidade que eu achei que pra mim foi melhor. E até mesmo pra ajudar a minha filha pra terminar os estudos dela e também eu queria sair do vermelho. **Porque o vermelho, vermelho pra mim o vermelho que estava na minha frente, que me matava quando eu chegava em algum lugar ou ia fazer uma entrevista ou preencher uma ficha e alguém perguntava qual era minha escolaridade e eu, eu falava que eu tinha parado na quarta série, eu morria de vergonha aí pra mim foi ótimo, pelo menos esse vermelho aí eu venci e também que eu pudesse também entrar no mercado de trabalho né.** Que assim que eu terminei, eu já consegui um trabalho devido já ter terminado e se eu tivesse na quarta série talvez eu não tinha tido a possibilidade que eu tenho hoje. (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

Vejamos como a entrevistada sonhava com os estudos, ela demonstra através de suas falas, o quanto sentia vergonha por não ter concluído o ensino médio, era como se ela estivesse um passo para trás, vivendo no negativo - no vermelho como ela diz. Esse vermelho que ela expressa nas palavras, é uma forma dela explicar um sentimento de inferioridade, uma aceitação influenciada e, até mesmo, imposta pela sociedade. Em uma análise com alunos da EJA, Silva e Leão afirmam (2011, p. 73) “A vergonha sentida pelas pessoas excluídas do direito à educação básica provoca [...] o silenciamento e o constrangimentos, fenômenos que impedem a plena formação humana”. O que pode ser sentido nas falas da entrevistada, sua narrativa traz a marca da vergonha e do silenciamento, ambos fazem parte de um processo de exclusão.

Mesmo com todos esses sentimentos aflorados, que foram formados por uma crença imposta como verdadeira pela sociedade, a entrevistada ultrapassou seu próprio limite, que era limitado pela vergonha que sentia. Pois de acordo com Silva e Leão (2011, p. 72) “Desta forma, a vergonha representa um limite construído pelo próprio sujeito que a sente, pois aceita, de forma não consciente, a crença que a rebaixa”. Essa crença foi desconstruída pela

entrevistada, a partir da sua persistência. Dando lugar para uma construção de um processo educacional potente, que pode ser percebido na conclusão de uma de suas falas, quando ela diz: “Eu venci”, percebemos em seu expressar um alívio de não carregar mais o peso de um sentimento de fracasso, mas sentir a leveza da conquista.

Perguntamos para entrevistada como foi o retorno escolar na Educação de Jovens e Adultos, acerca disso ela nos conta que teve

[...] dois retornos né, depois de casada, assim no início foi um pouco difícil, porque tinha muito, muito jovem né. **Assim, muito adolescente e foi assim um pouco difícil**, mas como eu já, já tinha experiência também em outras salas quando eu fazia quarta série, eh [...] me ajudou, mas teve uma diferença grande por conta que era uma sala muito cheia, a sala estava cheia, foi início de ano a sala estava muito cheia com mais adolescentes do que adultos e **foi aí que o professor trocou a gente, colocou a gente, eu e os meus colegas mais velhos e colocou a gente em sala que tinha mais adultos e aí foi tranquilo** (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

A entrevistada começa nos relatando uma dificuldade que encontrou no início, com adaptação em sala de aula, pois a sua turma tinha mais alunos jovens e adolescentes. Porém, houve a troca dela e de outros colegas para uma turma formada por alunos adultos e idosos. O que demonstra um cuidado para com as particularidades da turma, uma vez que “A sensibilidade para as especificidades da vida adulta dos alunos da EJA compõe-se, pois, de uma atitude generosa do educador de se dispor a abrir-se ao outro e acolhê-lo [...]” (FONSECA, 2016, p. 64), sendo uma atitude sensível e generosa, que pode ter contribuído para a permanência da entrevistada e, até mesmo, dos seus colegas.

Isso demonstra a importância da construção de um ambiente saudável e acolhedor, criando assim possibilidades para que se desenvolvam os processos de ensino e aprendizagem. Costa e Amorim afirmam que (2021, p. 7) “[...] o não atendimento adequado aos interesses desses sujeitos poderá gerar um clima de frustração, de medo, de insegurança, de dificuldade de aliar os estudos com o trabalho e a vida familiar, a vergonha da idade”. Sabemos que as escolas e as aulas constroem narrativas sucesso e insucesso, mediante a isso, toda estratégia que contribuí para o bom desempenho dos alunos é importante. Pois, sabemos, também, que a adaptação em sala de aula, a convivência com os colegas e professores fazem toda diferente para o desenvolvimento do educando. Isso pode contribuir para a produção de

narrativas outras quando se pensa a Educação de Jovens e Adultos, ou seja, a relação professor-aluno, aluno-aluno e aluno-escola precisa de cuidados constantes, de manutenção, afeto, respeito e reciprocidade.

Sobre os desafios que Nilza encontrou durante sua passagem na EJA, ela nos relata que:

O desafio é que muitos dizem que fazer esse curso não aprende nada, né. Não aprende nada, não consegue aprender nada. Só que eu Graças a Deus só tenho a agradecer, a Deus primeiramente e o meu esforço, que o que vale é a gente é o esforço. Não adianta você fazer o regular, você fazer o EJA e se a pessoa não tiver esforço de nada vai valer, pode morar na sala de aula, ele pode ter professor particular pra ensinar ele o tempo todo ali, está ao lado, lado a lado com ele, pode pagar a banca, mas se o aluno não tiver esforço, não tiver força de vontade, não vai, pra nada serve, que o que vale é força de vontade. Quando alguém tem força de vontade e fé e determinação a gente consegue e eu consegui. Graças a Deus. Sim (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

No começo da sua fala percebemos que o primeiro desafio citado pela entrevistada é o preconceito que aos alunos da Educação de Jovens e Adultos sofrem. O retorno escolar já é um desafio para os alunos, pois muitas são suas inseguranças e seus anseios. Com tudo isso ainda sofrem, por uma parte da sociedade preconceitos e julgamentos, inferiorizando o ensino da EJA.

Quando ela afirma que nada adianta se o aluno não tiver esforço, mesmo que faça o ensino regular ou tenha um professor particular. Percebemos que, mesmo com toda dificuldade foi possível criar estratégias de resistência, pouco a pouco, dia a dia. Nilza é um exemplo disso, ela foi rompendo com a narrativa que lhe foi imposta. Tomou para si lápis e papel e escreveu sua própria história de vida, onde aos poucos foi compreendendo os processos de ensino e aprendizagem, bem como suas idas e vindas na escola e seus encontros e desencontros por uma educação de qualidade. De acordo com Freire (20017, p. 116) o processo de “Ensinar e aprender têm que ver com esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir *entrando* como sujeito em aprendizagem, no processo desvelamento que o professor ou professora deflagra”. Mesmo que o professor se dedique em ensinar, ele não vai obter um resultado satisfatório, se o seu aluno não se empenhar em aprender. O processo de ensino e

aprendizagem, tanto depende do educador quanto do educando. E quando compomos com a narrativa da entrevistada é possível perceber o desejo pelos estudos e pela conexão com espaços escolares, bem como a boa relação com os professores da EJA.

Perguntamos sobre os desafios de ser professor na EJA, de acordo com a entrevistada, ela destaca que: “O desafio de ter muitos alunos com dificuldades e que não têm tempo para dedicar aos estudos em casa”. Desta forma, acreditamos que o tempo que o professor da EJA tem em sala de aula, é valioso e tem que ser de qualidade, pois é um período exclusivo que o educando dessa modalidade “separa”, com muita luta para se dedicar, pois os mesmos, em sua maioria, dispõem de pouco tempo para com os estudos, por conta dos demais afazeres diários. E todo esse empenho tem que ser reconhecido pelos professores em sala de aula e esse é um dos desafios vividos diariamente pelos educadores. Outro ponto importante é a questão dos alunos que possuem dificuldades, fato esse a ser trabalhado pelo professor em sala de aula, entretanto, vale destacar as questões que tocam a formação inicial desse professor, pois a EJA, em sua trajetória, carece de políticas públicas que se preocupem com a formação e atuação de profissionais na modalidade.

Sobre qual é a importância da EJA na sua vida, Nilza destaca que:

Foi a possibilidade que eu tive pra mim de voltar pra sala de aula. Que foi um curso à noite né. **Foi à noite eh [...] na qual também eu me esforcei, eu ia para a sala de aula, eu chegava, não ia dormir, eu chegava cansada, com casa e filho pra cuidar, eu sempre procurava fazer os meus trabalhos.** Eu nunca, no dia seguinte, eu nunca voltei sem fazer os meus trabalhos que os professores passavam, sempre eu fazia, sempre eu estava presente, eu sempre fui aluna presente, eu cansada ou, até mesmo, doente às vezes mas, mas sempre eu fui presente, eu não faltava aula, às vezes estava frio, não estava bem de saúde, mas eu estava ali, eu não filava aula de jeito nenhum, porque eu queria terminar o meu curso (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

Viver tendo que dedicar ao trabalho, com responsabilidades familiares e sociais aliadas aos estudos, são desafios que diversos alunos da EJA têm de enfrentar diariamente. Não é fácil, é preciso coragem, muito esforço e dedicação. E aqui é preciso demarcarmos um recorte de gênero, pois as mulheres parecem exercer papéis relacionados ao cuidado e isso gera sobrecarga. A determinação que a entrevistada nos passa e toda sua dedicação, foi o que proporcionou a mesma alcançar a conclusão dos seus estudos, mesmo com toda dificuldade

enfrentada durante todo o percurso vivido na sua trajetória, ela não se permitiu, perder a possibilidade, que teve através da Educação de Jovens e Adultos.

Assim, como afirma Costa e Amorim (2021, p. 11) “[...] esse público já acredita que a partir dos estudos há uma grande possibilidade de mudança de vida em todos os sentidos, porém, [...] é um desafio a ser superado, diante das diversas situações de batalha para se manter numa sociedade que segrega o direito a ter seus direitos”. Esse é de fato um dos caminhos a serem trilhados pelos alunos que escolhem a EJA, de modo a lutarem pelo reconhecimento de direitos através da educação, para transformar sua própria realidade.

Sobre sua convivência com alunos e professores a entrevistada nos relata que:

Era bom, era beleza, até então, porque eh [...] tinha mais pessoas, jovens, senhoras também, né e foi tranquilo. Com os Professores para mim foram todos maravilhosos (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

Dessa forma percebemos que para entrevistada ter o convívio em sala de aulas com colegas adultos ou até mesmo idosos, que partilhavam de experiências parecidas, fez com que a mesma se sentisse mais à vontade. De acordo com Silva e Leão (2011, p. 129) “Jovens, adultos e idosos, ao estudarem juntos e estarem submetidos a uma mesma regra e situação, configura uma relação muito diferenciada em se tratando de cenário escolar”. Os autores chamam nossa atenção para a responsabilidade que a escola possui para com todo esse processo, pois ela pode criar estratégias para estreitar essas diferenças que existem na Educação de Jovens e Adultos. Já para Fonseca (2016, p. 58) “[...] a Escola se vê impelida a rediscutir e redimensionar seus papéis e suas estratégias, todas as definições que estabelecem o conhecimento escolar e sua veiculação estarão também expostas ao questionamento e clamarão por intervenções de reestruturação na forma [...]”. A partir dos pontos levantados, fica evidente a contribuição da escola em todo o processo educacional, em outras palavras, o debate para com as dificuldades dos alunos da EJA perpassa pelo cenário escolar, de modo a atravessar os corredores, salas de aula, diretores, coordenadores dentre outros.

A entrevistada nos relata que a matéria que ela tinha mais dificuldade era matemática.

Sempre eu tive dificuldade, assim, matemática para mim ela foi, passou a ser mais difícil mesmo depois da sexta série em diante. Até a sexta série pra mim estava tranquilo. Mas depois da sexta em diante aí o negócio já mudou. Já vi dificuldade, muita dificuldade, **na EJA foi que realmente eu fui ver como a matemática era difícil, mas também como era importante** (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

Mesmo com muita dificuldade em matemática, ela entende também a sua importância, isso, com certeza, contribuiu para o seu desempenho em sala de aula. Pois, a matemática é tida, por grande parte dos estudantes como sendo uma disciplina difícil, podendo se tornar um obstáculo na trajetória escolar desses alunos. A entrevistada nos relata que durante os seus estudos na EJA, os conteúdos trabalhados em sala de aula as vezes tinham relação com seu dia a dia, quando isso acontecia ela nos conta que: “Eu conseguia, tinha mais facilidade para entender”. De acordo a fala da entrevistada, entendemos a importância da relação da matemática com a prática social cotidiana, o que facilitava a sua compreensão.

Nesse sentido, Damasceno, Oliveira e Cardoso (2018, p.10) esclarecem que “[...] tornar a Matemática mais aplicável à realidade, facilita a compreensão de seus conteúdos por parte dos alunos, principalmente para o público da Educação de Jovens e Adultos que historicamente se sentem ‘excluídos’ do processo educativo”. Logo, vemos que é mais que trazer a compreensão dos conteúdos aplicados, é através dessa perspectiva, ajudar os alunos a se “encontrarem” nesse universo, chamado sala de aula, escola e sociedade.

Perguntamos a Nilza se ao concluir seus estudos na modalidade, os desejos criados por ela nesse período foram alcançados?

Sim, sim. **Entrei com objetivo de ajudar minha filha a concluir os estudos dela, esse era meu maior objetivo e ela conseguiu e também ter mais oportunidades de trabalho.** Nessa época eu trabalhava na casa de família. E eu também não aguentava mais ficar trabalhando em casa de família. **Faltava me matar de tanto que eu trabalhava. Trabalhava igual uma condenada,** todo dia eu falava pra Deus preciso me liberar desse, **me libertar desse vermelho e um dia eu consegui.** Consegui graças a Deus (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

O estudo me trouxe mais possibilidades, trouxe mais segurança, eh aonde hoje eu me vejo, eu posso, como eu já fiz né. Assim, quando tem concurso eu já andei fazendo. Se eu não tivesse voltado para o EJA e concluído meus estudos eu não podia ter essas e outras experiências. **Logo**

em seguida eu fui chamada pra trabalhar. Então é um trabalho que não é casa de família e hoje o meu trabalho também precisa, é como se naquela época se eu fosse chamada pra trabalhar onde eu trabalho seria mais difícil. Como que eu ia ler, escrever e fazer conta. Como que eu ia somar? Como que eu ia fazer para as minhas receitas se eu não sabia ler e nem escrever? Então hoje graças a Deus. Hoje eu me vejo no meu trabalho, amo o que eu faço e também agradeço a Deus, por Deus ter me dado oportunidade pra mim voltar pra sala de aula e fazer o EJA. O meu objetivo foi alcançado sim (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

Consegui um emprego melhor, tive mais segurança de ir para o mercado de trabalho. Comecei como ajudante de confeitaria, e fui me profissionalizando, fiz vários cursos aqui na Bahia e fora do Estado também. Hoje sou confeitaria profissionalizada e responsável pela confeitaria de uma rede de supermercados aqui em Conquista. São quatro supermercados né. E sem os estudos não seria possível (Entrevista, Nilza, 08 out. 2022, grifo nosso).

Percebemos que para a entrevista a falta do estudo, era a consequência de não ter um emprego com melhores condições e por esse motivo se sentia desvalorizada. Nos deparamos com uma realidade igual a de tantas outras pessoas, que não tiveram a oportunidade e nem o acesso à escola. Sujeitos que muitas das vezes se submetem a condições degradantes de “trabalho, para garantir a sua sobrevivência e da sua família”. Fonseca (2016, p. 37) destaca que “[...] alunos e alunas da EJA percebem-se pressionados pelas demandas do mercado de trabalho e pelos critérios de uma sociedade onde o saber letrado é altamente valorizado”. E com isso, cada vez mais temos jovens, adultos e idosos em busca de mudar sua realidade “[...] através da educação”. Ainda com base em Fonseca (2016, p. 37), eles “[...] trazem em seu discurso não apenas as referências à necessidade: reafirmam o investimento na realização de um desejo e a consciência (em formação) da conquista de um direito”. Em síntese, a Educação de Jovens e Adultos vem para contribuir com essa mudança, com o ensino direcionado para as especificidades desse público, capacitando, aprimorando e expandindo o conhecimento dos alunos, “[...] como um direito do cidadão, uma necessidade da sociedade e uma possibilidade de realização da pessoa como sujeito de conhecimento” (FONSECA, 2016, p. 64).

A liberdade que a entrevistada nos relata, a ruptura para com o sentimento de vergonha e a possibilidade efetiva de escrita de outras histórias para sua existência e de sua

família, são marcas que atravessam sua narrativa de vida. Para Nilza, o acesso e a permanência na EJA, além de todo conhecimento expandido em durante sua trajetória, proporcionou-lhe também autonomia, confiança, empoderamento e satisfação pessoal e profissional.

Durante o capítulo expomos nossos movimentos de análise, a partir das entrevistas de Fábio e Nilza, é importante destacar que fui me (re)compondo como futura professora-pesquisadora em constante formação. As falas dos nossos entrevistados demarcam um lugar único, com base em suas experiências, dores, alegrias e lutas. Os movimentos de análise demonstram a complexidade para com o tratamento da temática, pois estamos lidando com vidas. Nos dizem também do mundo do trabalho, dos preconceitos, dos traumas, dos processos de ensino e aprendizagem, da alfabetização, da exclusão, das relações que ocorrem no processo, dos discursos perpetuados dentre tantas outras coisas. O fato é que o trato das dificuldades dos alunos da EJA, no que tange ao ensino de matemática, extrapola a sala as paredes de sala de aula. E é sobre isso que narramos a seguir, possíveis considerações finais, bem como um resgate da pesquisa, evidenciando o objetivo, escolhas teóricas e metodológicas, principais resultados, potencialidades, desafios, perspectivas futuras e contribuições para o meu processo formativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo compreender as possíveis dificuldades encontradas na trajetória de alunos que concluíram seus estudos na EJA, com vistas para as especificidades do ensino de matemática.

A proposta da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, se deu início a mais de 450 anos atrás. A Constituição de 1824, pioneira no âmbito brasileiro, previu a primeira instrução gratuita a todos os cidadãos (KELLER; BECKER, 2020). Em 1834, passou-se a responsabilidade para as províncias, para que se responsabilizassem da educação de todos. Falamos também sobre os decretos que tiveram relação direta com a educação de adultos do ano de 1854, 1878 e 1879. Fizemos uma reflexão sobre o analfabetismo, que ainda é persistente nos dias de hoje no Brasil, ressaltamos a importância de Paulo Freire na época com a proposta inovadora de alfabetização, onde lamentamos a não continuidade do mesmo depois do golpe militar do ano de 1964. Depois de várias reformas, em 1996, a Educação de Jovens e Adultos se tornou uma modalidade de ensino que está fundamentada a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), na Lei 3 nº 9394/96, sendo destinada aos alunos jovens e adultos. Feito o resgate histórico, cabe destacar as reflexões acerca da exclusão social e cultural que se encadeia para o preconceito, a desvalorização e a marginalização da modalidade em questão. Com enfoque no ensino de matemática, destacamos também algumas das dificuldades do aluno da EJA, bem como suas limitações e anseios. Discutimos sobre os desafios encontrados, tanto pelo educando, quanto pelo educador, nesse processo de ensino e aprendizagem. Enfatizamos também à importância do professor levar em consideração os conhecimentos adquiridos durante a constituição das trajetórias de vida dos alunos, fora da escola, para um melhor desenvolvimento em sala de aula, relacionando os conteúdos com cotidiano dos mesmos.

Nas decisões metodológicas falamos sobre a narrativa em educação (matemática). Definimos o perfil dos possíveis entrevistados, a partir do seguinte critério, terem concluído os estudos na modalidade da educação de jovens e adultos. Apresentamos o processo de produção de dados, desde o roteiro com perguntas e temáticas disparadoras. Para a construção da análise narrativa, escolhemos trazer toda entrevista, pois as entrevistas têm muito a nos dizer, estando para além das dificuldades em matemática. Durante o processo

citamos alguns momentos específicos, assim, foi sendo realizada nossa costura formativa, revisitando memórias e experiências dos entrevistados. Nesse processo, nos formamos também e tivemos a oportunidade de refletir sobre nossas práticas como professoras e professores de matemática.

A entrevista do Fábio trouxe muitas inquietações e reflexões, demonstrando o quanto as marcas da infância podem refletir no presente e no futuro. A história de vida é a narrativa construída a partir do que cada um acumula de forma seletiva em sua memória (WORCMAN, COSTA, 2015). Pois, no decorrer da narrativa, existem sinais de um processo de exclusão. Desta forma o entrevistado compreende o processo de escolarização e a educação de modo simplista, com enfoque na obtenção do certificado de conclusão. No entanto, produzir com essa entrevista trouxe novos olhares para a Educação de Jovens e Adultos, pois, certamente, não somos os mesmos e, com isso, agora nos construímos de outro modo, com uma atenção especial as demandas e especificidades da EJA.

A entrevista da Nilza foi um desafio, pois percebemos muitas das dificuldades que os alunos da EJA sofrem, ou mesmo, sofreram até chegar nessa modalidade. A falta do acesso à escola e a impossibilidade da permanência na mesma, por motivos socioeconômicos são pertinentes e persistem nos dias de hoje. Evidenciamos momentos de emoções, pois foi uma trajetória marcada por muita luta, determinação e dedicação. Para a entrevistada a EJA foi a possibilidade de concluir seus estudos, para além do ensino médio. Sentindo-se grata por alcançar suas conquistas pessoais e profissionais através dessa modalidade.

Produzir com essas entrevistas foi muito importante e impactante, mesmo com muitos desafios, tivemos pouco tempo para todo processo, tanto nas construções dos dados quanto na produção dos movimentos de análise. Tivemos obstáculos no caminho, muitas das vezes sendo necessário nos afastarmos do texto, por um tempo. Mas, percebemos que com essas narrativas, a Educação de Jovens e Adultos tem muito a dizer para o mundo, para a sociedade, para nossas práticas. Vozes de luta. Vozes de dor. Vozes de superação. Vozes que produzem conhecimento. Outro ponto importante, foi a necessidade de formação específica para os professores que atuam na EJA, aspecto essencial para evolução dos alunos em sala de aula e também para a valorização do ensino da EJA, que ainda é muito desvalorizada e marginalizada. Além de ser uma modalidade com muitos desafios, tanto para o professor quanto para os alunos.

Esse trabalho visa contribuir para o campo de pesquisa da Educação, em especial a Educação Matemática como campo científico e profissional, por meio da produção de discussões e reflexões com a EJA e, futuros estudos, relacionados a formação do professor que ensina matemática nessa modalidade. Será também uma contribuição para a formação inicial de professores de matemática, para que possam visualizar e ressignificar suas práticas e metodologias em sala de aula e, até mesmo, incentivar os alunos a seguirem seus estudos.

A Educação de Jovens e Adultos precisa de uma atenção maior do educando, quando o assunto é a Educação Matemática. Ao pensar as funções da Educação Matemática para esses estudantes, marcados pela exclusão, devemos considerar suas necessidades, reconhecendo-os com suas histórias de vida, seus saberes e sua cultura. Pois, a compreensão sobre a realidade desses alunos, possibilita de uma maneira mais leve a permanência dos mesmos, para que possamos tomar decisões que contribuam para o aumento de sua autoconfiança.

Essa pesquisa me trouxe aspectos que até mesmo como aluna e futura professora da EJA, não tinha me atentado. Com todas as narrativas de vida e suas bagagens, cheias de experiências, expectativas, anseios e conquistas. Os entrevistados demarcam um lugar único, com base em suas, dores, alegrias e lutas. A EJA está para além de uma modalidade de ensino, é a possibilidade de uma sociedade mais presente, autêntica e consciente dos seus direitos e deveres. Mesmo com tantos percalços, essa modalidade ao longo dos anos vem sendo aprimorada e aperfeiçoada, nos parâmetros de valorização da diversidade de conhecimentos que compõem as salas de aula da EJA. Ainda tem muito a crescer e a ser valorizada, pois muitos falam sobre suas mazelas, tecendo críticas vazias, atreladas ao senso comum, todavia, poucos falam sobre seus benefícios, de modo a tentar produzir histórias outras para os sujeitos que ocupam a modalidade. Porém, enxergo na EJA potencialidade em contribuir para grandes conquistas, sejam elas para aos alunos, professores e para a sociedade como um todo.

Com certeza a partir desta pesquisa, nunca mais serei a mesma, como pessoa e profissional. Certamente, no futuro ao entrar em uma sala de aula da EJA, terei ainda mais sensibilidade, pois, entendo como todas essas narrativas operam, se colocando no lugar do outro. É fundamental para construir relações sólidas e verdadeiras, que possam agregar na

minha formação contínua como professora de matemática e na formação dos meus futuros alunos como cidadãos no seu papel social e cultural.

REFERÊNCIAS

- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal, UFRN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. Brasiliense, 2017.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 01 nov. 2022.
- BRASIL. **Decreto nº 1.331-A, de 17 de fevereiro de 1854**. Aprova o Regulamento para a reforma do ensino primário e secundário do Município da Corte. 1854. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>. Acesso em: 01 nov. 2022.
- BRASIL. **Decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878**. Cria cursos noturnos para adultos nas escolas públicas de instrução primária do 1º grau do sexo masculino do município da Corte. 1878. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7031-a-6-setembro-1878-548011-publicacaooriginal-62957-pe.html#:~:text=Cr%C3%AAa%20cursos%20nocturnos%20para%20adultos,masculino%20do%20município%20da%20C%C3%B4rte>. Acesso em: 01 nov. 2022.
- BRASIL. **Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879**. Reforma o ensino primário e secundário no município da Corte e o superior em todo o Império. 1879. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>. Acesso em: 01 nov. 2022.
- BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese dos indicadores de 1996. Brasília: IBGE, 1996. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/bibliotecaonline/Channels/Search?filter%5B%5D=topic_facet%3A%221996%22&type=AllFields&channelProvider=similaritems&channelToken=5367&layout=lightbox. Acesso em: 02 nov. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 01 nov. 2022.
- COSTA, Cláudia Borges; MACHADO, Maria Margarida. **Políticas públicas e Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Cortez, 2017.
- COSTA, Danielle Sobral Porto; AMORIM, Antonio. Desafios e perspectivas dos Alunos da EJA na Escola Contemporânea. **Cadernos de Educação Básica**, v. 5, n. 3, p. 25-44, 2021. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/cadernos/article/view/3051>. Acesso em: 20 out. 2022.

DA SILVA, Paulina Gessika Ferreira. O Professor e o processo de ensino-aprendizagem em EJA: Perspectivas e Desafios. **Anais VII Congresso Nacional de Educação (VII CONEDU)**. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA12_ID304_22092020191835.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

DA SILVA, Simone Pereira; QUEIROZ, Adriana Matias; MONTEIRO, Vitória Barreto. O papel dos professores da EJA: perspectivas e desafios. 2014. **V ENID – Encontro de Iniciação à Docência da UEPB**. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2015/TRABALHO_EV043_MD1_SA13_ID1700_30072015131818.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

DAMASCENO, Adriana Assis; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves. O ensino de matemática na educação de jovens e adultos: a importância da contextualização. **Cadernos da FUCAMP**, v. 17, n. 29, 2018. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/1347>. Acesso em: 20 out. 2022.

DE OLIVEIRA, Marta Kohl. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Educação como exercício de diversidade**, p. 61, 2005. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/livros/edh/a_pdf/livro_secad_educ_exerc_diversidade.pdf#page=56. Acesso em: 20 out. 2022.

DUARTE, Newton. **O ensino de matemática na educação de adultos** – 11. Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, p. 139-154, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/?lang=pt>. Acesso em: 16. out. 2022.

DUDEQUE, Marcia Leonora. O Analfabetismo no Brasil e os Desafios para a Gestão da Educação de Jovens e Adultos. **Políticas e estratégias educacionais**, p. 7, 2021. Disponível em: <https://meridapublishers.com/pee/pee.pdf#page=7>. Acesso em: 10 nov. 2022.

FASHED, Munir. Como erradicar o analfabetismo sem erradicar os analfabetos. artigo. **Coleção educação para todos. Educação como exercício de diversidade** UNESCO, ANPED, Ministério da Educação, 2005, Brasília, DF: Unesco, MEC, 2005. Disponível em: <http://web.eep.br/~phlbiblio/10018864.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

FERREIRA, Núbia Nafaiete Ferraz. **O perfil dos alunos e alunas da educação de jovens e adultos: alfabetização e diversidade**. Instituto de Ensino Superior Franciscano-IESF. Maranhão. s.d. 2017. Disponível em: <https://iesfma.com.br/wp-content/uploads/2017/10/O-PERFIL-DOS-ALUNOS-E-ALUNAS-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-DE-JOVENS-E-ADULTOS-alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-e-diversidade.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.

FONSECA, Maria da F. R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos** -Especificidades, desafios e contribuições. Autêntica, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa – 55ª ed - Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 11, p. 327-345, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/H5hSMRYMyjhYtBxqnMVZVJH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2022.

GOMES, Millena. No dia mundial da alfabetização, índice de analfabetismo ainda preocupa. **Eu estudante**. Publicado em 08 set. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2022/09/5034919-no-dia-mundial-da-alfabetizacao-indice-de-analfabetismo-ainda-preocupa.html#:~:text=O%20C3%ADndice%20atual%20de%20analfabetismo,eram%20cerca%20de%2011%20milh%C3%B5es>. Acesso em: 04 nov. 2022.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 108-130, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 90-113.

KELLER, Lenir; BECKER, Elsbeth Léia Spode. A trajetória da educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista EJA em Debate, Santa Catarina**, Ano, v. 9, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2777>. Acesso em: 01 nov. 2022.

MOURA, Jónata Ferreira; NACARATO, Adair Mendes. Narrativas revelando projetos de si na trajetória de formação docente. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 4, n. 12, p. 1125-1140, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/6019#:~:text=A%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20revela%20hist%C3%B3rias%20marcadas,tens%C3%B5es%20vivas%20no%20cotidiano%20escolar>. Acesso em: 30 out. 2022.

MOUTINHO, Karina; CONTI, Luciane De. Análise narrativa, construção de sentidos e identidade. **Psicologia**: teoria e pesquisa, v. 32, 2016.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/re USP/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.

PARDIM, Cristiane Matos Costa; CALADO, Moacyr Cerqueira. O Ensino da Matemática na EJA: Um Estudo sobre as Dificuldades e Desafios do Professor. **Revista IFES Ciência**, v. 2, n. 1, p. 98-123, 2016. Disponível em:

<https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ric/article/view/253>. Acesso em: 20 out. 2022.

RAVAGNOLI, Neiva Cristina da Silva Rego. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. **The Specialist**, v. 39, n. 3, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/34195>. Acesso em: 30 out. 2022.

REICHARDT, Mirian; SILVA, Caroline. A importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 23, 2020. Disponível em:

<https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1666>. Acesso em: 01 nov. 2022.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative Analysis**. A Sage University Paper, 1993.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO – SEED - PR - **Projeto Político Pedagógico – EJA**. Curitiba, 2005. Acesso em: 20 out. 2022.

SILVA, Isabel de Oliveira; LEÃO, Geraldo. **Educação e seus autores: experiências, sentidos e identidade**. Autêntica, 2011.

SKOVSMOSE, Ole. Tradução de Maria Aparecida Viggiani Bicudo. **Educação crítica: incerteza, matemática, responsabilidade**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Davisson Charles Cangussu; VAZQUEZ, Daniel Arias. Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho. **Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 409-426, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/cJQVc7BysFcfGyvzTy4QyXm/abstract/?lang=pt>. Acesso em 01 nov. 2022.

THEES, Andréa; FANTINATO, Maria Cecilia. Professores que lecionam matemática na EJA: concepções e práticas letivas. **Reflexão e Ação**, v. 20, n. 2, p. 267-290, 2012.

Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3048>. Acesso em: 20 out. 2022.

WORCMAN, Karen; COSTA, André Oliveira. A construção do Eu nas narrativas de vida. **Comunicações**, v. 24, n. 3, p. 331-354, 2015. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/viewFile/3594/2105>. Acesso em: 30 out. 2022.

ANEXOS



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

OBJETIVO DO PROJETO DE PESQUISA:

Compreender as possíveis dificuldades encontradas na trajetória de alunos que concluíram seus estudos na EJA, com vistas para as especificidades do ensino de matemática.

DISCENTE: Mônica Rodrigues Moraes de Souza

E-mail: monicarmoraess@gmail.com

DOCENTE: Gerson dos Santos Farias

E-mail: gerson.farias@uesb.edu.br

Prezado (a) Senhor (a)

Somos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), vinculados ao curso de Licenciatura em Matemática do Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas (DCET), Campus de Vitória da Conquista. Elaboramos uma pesquisa cujo intuito é compreender as possíveis dificuldades encontradas na trajetória de alunos que concluíram seus estudos na EJA, com vistas para as especificidades do ensino de matemática.

No desenvolvimento da pesquisa será aplicada entrevista, como técnica de produção de dados, mediante um roteiro composto temáticas norteadoras e algumas perguntas para o desenvolvimento da conversa. A entrevista será salva, desde que autorizada pelo (a) entrevistado (a). Pretendemos entrevistar alunos que concluíram seus estudos na modalidade da EJA.

Esta pesquisa não pretende trazer desconforto ou risco ao participante, uma vez que a sua participação é voluntária e as informações decorrentes da mesma visam complementar e aprofundar os dados levantados nos documentos.

Para eventuais dúvidas referentes ao estudo pode-se fazer uso dos contatos (77) 988614160 (Mônica) e (18) 996845950 (Gerson), ou e-mails monicarmoraess@gmail.com ou gerson.farias@uesb.edu.br.

Informamos que os resultados da pesquisa retomarão aos (as) entrevistados (a) na forma de produções que serão disponibilizadas, após a finalização da pesquisa.

Endereço: Estrada do Bem Querer, km 4, CEP: 45083-900, Vitória da Conquista - BA
Telefone: (77) 3424-8600 / E-mail: campusvcs@uesb.edu.br



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas

Para conhecimento de V.Sa. apresentamos um resumo da proposta e desde já lhe agradecemos pela colaboração, na certeza de que suas informações serão de fundamental importância para o êxito da pesquisa.

Cordialmente

Mônica Rodrigues Moraes de Souza
MÔNICA RODRIGUES MORAES DE SOUZA

Gerson dos Santos Farias
GERSON DOS SANTOS FARIAS

Considerando as informações constantes neste Termo e as normas expressas na Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde consinto de modo livre e esclarecido, participar da presente pesquisa na condição de participante da pesquisa e/ou responsável por participante da pesquisa, sabendo que:

1. A participação em todos os momentos e fases da pesquisa é voluntária e não implica quaisquer tipos de despesa e/ou ressarcimento financeiro.
2. É garantida a liberdade de retirada do consentimento e da participação no respectivo estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa.
3. É garantido o anonimato.
4. Os dados coletados só serão utilizados para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em livros, ensaios e/ou artigos científicos em revistas especializadas e/ou em eventos científicos.

Declaro

Autorizar () Não autorizar que minha identidade seja revelada

Concordo () Não concordo com a gravação da entrevista

Por fim, autorizo que as informações por mim prestadas sejam utilizadas nesta investigação.

Vitória da Conquista, 30 de Novembro de 2022.

Assinatura do participante: *Elmilza Mônica Rodrigues Moraes*



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

OBJETIVO DO PROJETO DE PESQUISA:

Compreender as possíveis dificuldades encontradas na trajetória de alunos que concluíram seus estudos na EJA, com vistas para as especificidades do ensino de matemática.

DISCENTE: Mônica Rodrigues Moraes de Souza

E-mail: monicarmoraess@gmail.com

DOCENTE: Gerson dos Santos Farias

E-mail: gerson.farias@uesb.edu.br

Prezado (a) Senhor (a)

Somos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), vinculados ao curso de Licenciatura em Matemática do Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas (DCET), Campus de Vitória da Conquista. Elaboramos uma pesquisa cujo intuito é compreender as possíveis dificuldades encontradas na trajetória de alunos que concluíram seus estudos na EJA, com vistas para as especificidades do ensino de matemática.

No desenvolvimento da pesquisa será aplicada entrevista, como técnica de produção de dados, mediante um roteiro composto temáticas norteadoras e algumas perguntas para o desenvolvimento da conversa. A entrevista será salva, desde que autorizada pelo (a) entrevistado (a). Pretendemos entrevistar alunos que concluíram seus estudos na modalidade da EJA.

Esta pesquisa não pretende trazer desconforto ou risco ao participante, uma vez que a sua participação é voluntária e as informações decorrentes da mesma visam complementar e aprofundar os dados levantados nos documentos.

Para eventuais dúvidas referentes ao estudo pode-se fazer uso dos contatos (77) 988614160 (Mônica) e (18) 996845950 (Gerson), ou e-mails monicarmoraess@gmail.com ou gerson.farias@uesb.edu.br.

Informamos que os resultados da pesquisa retomarão aos (as) entrevistados (a) na forma de produções que serão disponibilizadas, após a finalização da pesquisa.

Endereço: Estrada do Bem Querer, km 4, CEP: 45083-900, Vitória da Conquista - BA
Telefone: (77) 3424-8600 / E-mail: campusvcs@uesb.edu.br



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas

Para conhecimento de V.Sa. apresentamos um resumo da proposta e desde já lhe agradecemos pela colaboração, na certeza de que suas informações serão de fundamental importância para o êxito da pesquisa.

Cordialmente

Mônica Rodrigues Moraes de Souza
MÔNICA RODRIGUES MORAES DE SOUZA

Gerson dos Santos Farias
GERSON DOS SANTOS FARIAS

Considerando as informações constantes neste Termo e as normas expressas na Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde consinto de modo livre e esclarecido, participar da presente pesquisa na condição de participante da pesquisa e/ou responsável por participante da pesquisa, sabendo que:

1. A participação em todos os momentos e fases da pesquisa é voluntária e não implica quaisquer tipos de despesa e/ou ressarcimento financeiro.
2. É garantida a liberdade de retirada do consentimento e da participação no respectivo estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa.
3. É garantido o anonimato.
4. Os dados coletados só serão utilizados para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em livros, ensaios e/ou artigos científicos em revistas especializadas e/ou em eventos científicos.

Declaro

Autorizar () Não autorizar que minha identidade seja revelada

Concordo () Não concordo com a gravação da entrevista

Por fim, autorizo que as informações por mim prestadas sejam utilizadas nesta investigação.

Vitória da Conquista, 30 de Novembro de 2022.

Assinatura do participante: Fernando Silva Oliveira

Endereço: Estrada do Bem Querer, km 4, CEP: 45083-900, Vitória da Conquista - BA
Telefone: (77) 3424-8600 / E-mail: campusvcs@ucsbr.edu.br



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

OBJETIVO DO PROJETO DE PESQUISA:

Compreender as possíveis dificuldades encontradas na trajetória de alunos que concluíram seus estudos na EJA, com vistas para as especificidades do ensino de matemática.

DISCENTE: Mônica Rodrigues Moraes de Souza

E-mail: monicarmoraess@gmail.com

DOCENTE: Gerson dos Santos Farias

E-mail: gerson.farias@uesb.edu.br

Prezado (a) Senhor (a)

Somos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), vinculados ao curso de Licenciatura em Matemática do Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas (DCET), Campus de Vitória da Conquista. Elaboramos uma pesquisa cujo intuito é compreender as possíveis dificuldades encontradas na trajetória de alunos que concluíram seus estudos na EJA, com vistas para as especificidades do ensino de matemática.

No desenvolvimento da pesquisa será aplicada entrevista, como técnica de produção de dados, mediante um roteiro composto temáticas norteadoras e algumas perguntas para o desenvolvimento da conversa. A entrevista será salva, desde que autorizada pelo (a) entrevistado (a). Pretendemos entrevistar alunos que concluíram seus estudos na modalidade da EJA.

Esta pesquisa não pretende trazer desconforto ou risco ao participante, uma vez que a sua participação é voluntária e as informações decorrentes da mesma visam complementar e aprofundar os dados levantados nos documentos.

Para eventuais dúvidas referentes ao estudo pode-se fazer uso dos contatos (77) 988614160 (Mônica) e (18) 996845950 (Gerson), ou e-mails monicarmoraess@gmail.com ou gerson.farias@uesb.edu.br.

Informamos que os resultados da pesquisa retomarão aos (as) entrevistados (a) na forma de produções que serão disponibilizadas, após a finalização da pesquisa.

Endereço: Estrada do Bem Querer, km 4, CEP: 45083-900, Vitória da Conquista - BA
Telefone: (77) 3424-8600 / E-mail: campusvcs@uesb.edu.br



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas

Para conhecimento de V.Sa. apresentamos um resumo da proposta e desde já lhe agradecemos pela colaboração, na certeza de que suas informações serão de fundamental importância para o êxito da pesquisa.

Cordialmente

Mônica Rodrigues Moraes de Souza
MÔNICA RODRIGUES MORAES DE SOUZA

Gerson dos Santos Farias
GERSON DOS SANTOS FARIAS

Considerando as informações constantes neste Termo e as normas expressas na Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde consinto de modo livre e esclarecido, participar da presente pesquisa na condição de participante da pesquisa e/ou responsável por participante da pesquisa, sabendo que:

1. A participação em todos os momentos e fases da pesquisa é voluntária e não implica quaisquer tipos de despesa e/ou ressarcimento financeiro.
2. É garantida a liberdade de retirada do consentimento e da participação no respectivo estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa.
3. É garantido o anonimato.
4. Os dados coletados só serão utilizados para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em livros, ensaios e/ou artigos científicos em revistas especializadas e/ou em eventos científicos.

Declaro

Autorizar () Não autorizar que minha identidade seja revelada

Concordo () Não concordo com a gravação da entrevista

Por fim, autorizo que as informações por mim prestadas sejam utilizadas nesta investigação.

Vitória da Conquista, 30 de Novembro de 2022.

Assinatura do participante: *Farias dos Santos*

APÊNDICE

Roteiro de Entrevista

Trajatória dos Entrevistados

- Nome, idade e como gostaria de ser chamado;
- Conte um pouco da sua história de vida;
- Quando e onde nasceu;
- Como foi sua infância, adolescência e fase adulta;
- Conte um pouco da sua família;
- Primeiro acesso ao ensino escolar;
- Primeiras experiências na escola;
- Dificuldades encontradas para esse início de estudo;

Vida escolar na EJA

- Para você, o que é a EJA? E como foi participar dessa modalidade?
- Por qual motivo você ingressou na EJA?
- Como foi retornar ao ambiente escolar;
- Desafios de ser aluno na EJA;
- Desafios de ser professor na EJA;
- Como era sua relação com os alunos e professores da EJA;
- Qual a importância da EJA na sua vida?
- Dentre as matérias que você cursou na EJA, qual a que você sentiu mais dificuldade?
- Conte um pouco das experiências com o ensino de Matemática na EJA;
- Durante os seus estudos na EJA, os conteúdos trabalhados em sala de aula tinham relação com o seu dia a dia?
- Ao concluir seus estudos na modalidade, os desejos criados por você nesse período foram alcançados?
- O que você fez após concluir os estudos na EJA?